maio 1992 n. 3

FMS

CADERNOS MARISTAS

informações
estudos
documentos

CASA GENERALIZIA FRATELLI MARISTI C.P. 10.250 00144 ROMA

Expediente da versão impressa (original em Português)

Editor / Organizador: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, Paul Sester – FMS

Cadernos Maristas:
Os Cadernos Maristas objetivam a divulgação de documentos e pesquisas sobre as origens, espiritualidade, desenvolvimento e expansão do Instituto Marista no mundo. Aborda estudos sobre a Sociedade de Maria, personalidades históricas e temas que caracterizam a atuação apostólica dos Irmãos Maristas. A produção do conteúdo é colaborativa de vários autores. Impresso em quatro línguas: espanhol, francês, inglês e português.

Contato:
Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole
Piazzale Marcelino Champagnat, 2 – 00144, Roma – Itália
Tel. (+39) 06 54 5171 / E-mail: comunica@fms.it / www.champagnat.org

Diagramação e impressão:
Tipografia Città Nuova della P.A.M.O.M.
Largo Cristina di Svezia, 17 – 00165, Roma – Itália

Expediente da versão digital

Coordenação: Diretoria de Comunicação da Casa Generalizia / Comissão do Patrimônio Espiritual Marista / Memorial Marista. A versão digital é um *fac-símile* da obra original impressa, que foi digitalizada, tratada e catalogada por Maria Palicz (CRB9 PR-202207/P), no Memorial Marista, em Curitiba – Brasil. E-mail: memorial@marista.org.br / www.memorialmarista.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C121 Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos. -- n. 3 (mai.1992) -- Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, 1992.
101 p. : il. ; 24 cm

Anual.
Editorial: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole / Paul Sester
Versão digital em português: <https://champagnat.org/pt/biblioteca/cadernos-maristas/>
ISSN 1122-7109

1. Irmãos Maristas – História. 2. Espiritualidade. 3. Patrimônio cultural. I. Fratelli Maristi delle Scuole.

CDD - 200

SUMÁRIO

INFORMAÇÃO

— Nosso arquivos hoje (Ir. Paul Sester) . . . . . pág. 1
— Constituções e estatutos dos irmãos maristas (Ir. Aureliano Brambila) . . . . . » 17

ESTUDOS

— O P. Champagnat e a Formação dos Irmãos (Ir. Alexandre Balko) . . . . . » 25
— O Recrutamento das vocações durante o governo de nossos quatro primeiros Superiores Gerais (Ir. Roger Stirn) . . . . » 73

DOCUMENTOS

— Sermões do P. Champagnat . . . . . » 79

INFORMAÇÕES

NOSSOS ARQUIVOS HOJE (*seqüência*)

3 - ADMINISTRAÇÃO GERAL

30 - Generalidades
30.0 O governo do Instituto
30.1 Personalidade jurídica
30.2
30.3
30.4
30.5 Aniversários
30.51 Centenário do Instituto
30.52 Bicentenário do nascimento do Fundador

31 - Capítulos Gerais
31.00 Generalidades
31.01 Primeiro Capítulo Geral 1839
31.02 Segundo Capítulo Geral 1852-1854
31.03 Terceiro " " 1860
31.04 4° " " 1862-1863
31.05 5° " " 1867-1868
31.06 6° " " 1873-1876
31.07 7° " " 1880
31.08 8° " " 1883
31.09 9° " " 1893
31.10 10° " " 1903
31.11 11° " " 1907
31.12 12° " " 1920
31.13 13° " " 1932
31.14 14° " " 1946

31.15	15°	"	"	1958
31.16	16°	"	"	1967
31.17	17°	"	"	1976
31.18	18°	"	"	1985

(subdivisão válida para cada Capítulo)

0 - Constituição do Capítulo
01 Circular de anúncio e de indicção
02 Lista dos Capitulantes
03 Verificação dos poderes
04 Tradutores
05 Pessoal auxiliar
06 Preparação material
07 Orações em vista do Capítulo
08 Mensagens recebidas pelo Capítulo

1 - Preparação do Capítulo
10 Decisões do Conselho Geral
11 Comissão preparatória: constituição
12 Trabalho da Comissão
13
14
15 Contribuição dos Irmãos

2 - Organização do Capítulo
20 Organização da sala do Capítulo
21 Regulamento do Capítulo
22 Burô provisório
23 Comissão Central
24 Grupos - Comissões - Equipes
25 Método de trabalho
26 Animação: orações, lazeres, retiro

3 - Trabalhos do Capítulo
30 Temas retidos, distribuição por Comissões
31 Comissão 1
32 Comissão 2
33 etc.

4 - Vistas sobre o Capítulo
40 Atas
41 Informações às Províncias; Boletins

42 Avaliação dos trabalhos do Capítulo
43
44
45 Fotografias do Capítulo
46 O pós-Capítulo

32 - Conferência geral
32.00 Generalidades - organização - objetivo
32.01 Conferência de 1964
32.02 " 1971
32.03 " 1974
32.04 " 1979
32.05 " 1982
32.06 " 1989
32.07
32.08

(subdivisão válida para cada Conferência)

1 - Preparação
2 - Organização
3 - Trabalhos
4 - Decisões - Resoluções
5 - Atas - Prestação de contas - Relatórios
6 - Avaliação
7 - Fotografias

33 - Conselho Geral
33.0 Vida comunitária do Conselho Geral
33.1 Sessões plenárias
33.100 Grande Conselho
33.101 Sessão plenária de junho 1969
33.102 " " nov. 1969
33.103 " " dez. 1970
33.104 " " maio 1971
33.105 " " fever. 1972
33.106 " " setem. 1972
33.107 " " junho 1973
33.108

33.2 - Atas do Conselho Geral
33.20 Minutas das deliberações

33.21 Relatórios quinqüenais
33.22 Demissões de cargo
33.23 Nomeação dos Irmãos Provinciais, dossiês

33.3 - Correspondência
33.30 Cartas dirigidas aos Superiores (referentes às escolas)
33.31 Coletânea de Cartas administrativas
33.32 Relatórios diversos(não os das visitas às Províncias)

33.4 - Documentos emanados do Conselho Geral
33.41 Vade-mécum da administração provincial
33.42 Outros
33.43 Formulários diversos

33.5 - Secretaria Geral

33.6 - Procuradoria Geral

33.7 - Postulação Geral

34 - Obras dependentes da administração geral
34.1 - Casas generalícias
34.11 Notre-Dame de l'Hermitage
34.12 Saint-Genis-Laval
34.13 Grugliasco
34.14 Roma

34.2 - Obra de São Francisco Xavier
34.20 Estatísticas
34.21 Registros diversos: entradas, votos, etc
34.22 Cadernos de notas
34.23 Correspondência

34.3 - Centros de Formação
34.30 Generalidades
34.31 Segundo Noviciado único
34.32 Centro de Espiritualidade
34.321 de língua francesa
34.322 de língua espanhola
34.323 de língua inglesa
34.33 Centro Champagnat (9 meses)
34.34 Curso de reciclagem de 2 meses

34.35 Centro de estudos superiores
34.351 Jesus Magister
34.352 Colégio Internacional

34. 7 - Obras financeiras

34.71 Arcabuz (Saint-Genis-Laval)
34.72 Bifosfato
34.73 Alpestre (Carmagnola)

35 - Legislação
35.1 - Regras
35.11 Regra de 1837
35.111 Projetos:Regra de Saint-Sauveur, outras
35.112 Edições
35.113 Estudos sobre essa Regra
35.12 Regra de 1852
35.13 Regras comuns (edições diversas)
35.14 Regras do Governo

35.2 - Constituições
35.21 até 1863
35.22 de 1863 a 1903
35.23 de 1903
35.24 de 1903 a 1965
35.25 de 1968
35.251 Anteprojetos: do Conselho Geral; outros;
35.252 Comissão das Constituições
35.253 Contribuição dos Irmãos
35.254 - id -
35.255 - id -
35.256 Anteprojeto da Comissão
35.257 Projeto; aprovação do Capítulo
35.258 Texto definitivo; aprovações

35.26 de 1985
35.261 Comissão das Constituições
35.262 Contribuição dos Irmãos
35.263 - id -
35.264 - id -
35.265 Trabalho do Capítulo
35.266 Colocação em dia: comissão

35.267 Aprovação da Santa Sé; correções, doc.aprov.

35.3 - Regulamentos diversos
35.31 Guia das Escolas
35.32 Guia da Formação
35.33

36 - Registros oficiais
36.1 - Registros das Tomadas de Hábito
36.2 - Registros de Votos temporários; voto de Obediência; 3 votos
36.4 - Registros do Voto de Estabilidade
36.5 - Registros de falecimentos
36.6 - Outros

37 -

38 - Publicações
38.1 - Circulares dos Superiores Gerais
38.2 - Boletins do Instituto
38.3 - FMS
38.4

4 - RELAÇÕES EXTERIORES

41 - Relações com a Santa Sé
41.0 Generalidades
41.1 Os Papas
41.2 Secretaria de Estado
41.3 Congregação encarregada dos Religiosos
41.4 Congregação da Propagação da Fé
41.5 Congregação das Igrejas orientais
41.6 Outras Congregações romanas

42 - Relações com as dioceses
42.0 Generalidades
42.1 Diocese de Lião
42.2 Outras dioceses da França
42.3 Outras dioceses do mundo

43 - Relações com outras congregações religiosas
43.0 Generalidades; Estatísticas de congregações religiosas

43.1 Fundadores de congregações
43.11 Mazelier François
43.110 Coletânea de escritos
43.111 Cartas de 1824 a 1829
43.112 Cartas de 1830 a 1839
43.113 Cartas de 1840 a 1849
43.114 Cartas de 1850 a 1859
43.115 Escritos diversos
43.116 Finanças; Bens materiais
43.117 Biografias; Testemunhos
43.12 Querbes Louis: Correspondência; etc.
43.130 Eymard Pierre-Julien
43.140

43.2 - União dos Superiores Gerais
43.20 Generalidades:Estatutos da União; Organização
43.21 Atas das reuniões
43.22 Trabalhos das comissões
43.23 Temas particulares tratados
43.24 Relações com a Santa Sé
43.25 Correspondência

43.3 - Família Marista
43.30 Fundador:R.P.Colin Jean-Claude
43.31 Padres Maristas
43.32 Irmãs Maristas
43.33 Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria
43.34 Pequenas Servas de Nazaré
43.35 Ordem Terceira; Grupos de Vida evangélica

43.4 - Congregações de Irmãos
43.40 Generalidades
43.41 Irmãos das Escolas Cristãs
43.42 Irmãos da Santa Família
43.43 Irmãos do Sagrado Coração
43.44 Irmãos de Ploermel
43.45 Irmãos de São Gabriel
43.46

43.5 - Congregações clericais
43.50
43.51 Sociedade de Jesus

43.52

43.6 - Congregações femininas

44 - Relações com os Antigos Alunos
44.0 - Generalidades; Decisões dos Capítulos Gerais;
44.1 - União Mundial dos Antigos Alunos Maristas UMAEM
44.10 Estatutos
44.11 Congressos mundiais
44.12 Atas das reuniões, das assembléias
44.13 Correspondência da UMAEM

44.2 - Confederação das associações de AEM
44.20 Generalidades:Estatutos
44.21 Confederação européia
44.210
44.211 Congressos europeus
44.212 Atas das assembléias
44.213 Correspondência com os dirigentes
44.22 Outras confederações

44.3 - Federações de associações de AEM
44.30 Generalidades: Estatutos
44.31 África
44.32 América
44.321 Argentina
44.322 Brasil
44.323 Canadá
44.324 USA
44.325
44.33 Ásia
44.34 Europa
44.341 Alemanha
44.342 Bélgica
44.343 Espanha
44.344 França
44.345 Grã-Bretanha
44.346 Grécia
44.347 Itália
44.348
44.35 Oceânia
44.4 - Associações

45 - Relações com diversos agrupamentos
45.1 Associações diversas
45.2 Confrarias
45.20 Arquiconfraria de Nª. Sª. das Vitórias
45.21 Confraria do Santo Rosário
45.22 Confraria dos Santos Anjos da Guarda
45.23 Arquiconfraria do Santíssimo Coração de Maria
45.24 Confraria do Escapulário
45.25 Confraria do Coração Agonizante
45.26 Confraria de São José
45.3 Uniões
45.4 Obras diversas

46 - Relações com pessoas (não administrativas)
46.1 Clero
46.2 Religiosos
46.3 Leigos

5 - PESSOAL

50 - Estatísticas
50.0 - Registros de estatísticas; Gráficos;
50.1 - Estatísticas gerais: membros por ano
50.2 - Estatísticas particulares
50.20 Recrutamento
50.21 Perseverança
50.22 Formação
50.220 Em geral
50.221 Juvenato
50.222 Noviciado
50.223 Escolasticado
50.224 Permanente
50.23

51 - Superiores Gerais
51.01 Irmão Francisco
51.010 Circulares
51.011 Cartas
51.012 "
51.013 "

51.014 "
51.015 "
51.016 Escritos pessoais
51.017 Biografias; Testemunhos; Estudos;
51.018 Causa de beatificação e de canonização
51.019 Fotografias; Imagens;

51.02 Irmão Luís Maria
51.020 Circulares
51.021 Cartas
51.022 "
51.023 "
51.024 "
51.025 "
51.026 Escritos diversos
51.027 Biografias; Testemunhos
51.028
51.029 Fotografias

51.03 Irmão Nestor
51.030 Circulares
51.031 Cartas
51.032 "
51.033 Biografia; Testemunhos;
51.039 Fotografias

51.04 Irmão Teofânio
51.040 Circulares
51.041 Cartas
51.042 "
51.043 "
51.044 "
51.045 "
51.046 Escritos diversos
51.047 Biografias: Testemunhos
51.049 Fotografias

51.05 Irmão Estratônico
51.050 Circulares
51.051 Cartas

51.056 Escritos diversos

51.057 Biografia; Testemunhos;
51.059 Fotografias

51.06 Irmão Diógenes
51.060 Circulares
51.060 Cartas

51.066 Escritos diversos
51.067 Biografias; Testemunhos, Distinção
51.069 Fotografias

51.07 Irmão Leônidas
51.070 Circulares
51.071 Cartas

51.076 Escritos diversos
51.077 Biografias; Testemunhos; Distinção
51.079 Fotografias

51.08 Irmão Carlos Rafael
51.080 Circulares
51.081 Cartas
51.086 Escritos diversos
51.087 Biografias; Testemunhos;
51.089 Fotografias

51.09 Irmão Basílio Rueda

52 - Assistentes, Secretários, Ecônomos, Procuradores Gerais
52.001 - Irmão João Batista, Furet
52.002 - Irmão Pascal, Gaudin
52.003 - Irmão Filógono, Bonin
52.004 - Irmão Crisógono; Budillon
52.005 - Irmão Eutímio, Collard
52.006 - Irmão Euberto, Meunier
52.007 - Irmão Felicidade, Berthiol
52.008 - Irmão Procópio, Daron
52.009 - Irmão Avito, Bilon
52.010 - Irmão Norberto, Religieux
52.011 - Irmão Niceto, Chavand
52.012 - Irmão Geraldo, Flahaut
52.013 - Irmão Berilo, Gros

52.014 - Irmão Adão, Sirvain
52.015 - Irmão Cesário, Lesobre
52.016 - Irmão Pedro José, Rode
52.017 - Irmão Clímaco, Souillart
52.018 - Irmão Libório, Darbousset
52.019 - Irmão Augustalis, Corompt
52.020 - Irmão João, Dulles
52.021 - Irmão Cândido, Baptiste
52.022 - Irmão Paulino, Guyon
52.023 - Irmão Angélico, Berne
52.024 - Irmão Dalmácio, Laurans
52.025 - Irmão Flamiano, Raoux
52.026 - Irmão Michaélis, Ménégaud
52.027 - Irmão Damião, Bonnet
52.028 - Irmão Columbano, Brady
52.029 - Irmão Maria Odulfo, Villez
52.030 - Irmão Elías Maria, Rajon
52.031 - Irmão Eufrosino, Amblard
52.032 - Irmão Agostinho José, Desplaces
52.033 - Irmão Luís Maria, Boffy
52.034 - Irmão Emery, Germain
52.035 - Irmão Clemente, Murray
52.036 - Irmão Francisco de Bórgia, Arthaud
52.037 - Irmão João Emílio, Barraud
52.038 - Irmão Avito, Belmom
52.039 - Irmão Sixto, Lacunza
52.040 - Irmão Paulo Estratônico, Lelièvre
52.041 - Irmão Désiré Afonso, Herbaux
52.042 - Irmão Sebastiani, Dialey
52.043 - Irmão Régis Amado, Perreault
52.044 - Irmão Alessandro, di Pietro
52.045 - Irmão Maria Justiniano, Woods
52.046 - Irmão Leôncio Martin, Lorenzo
52.047 - Irmão João Eugênio, Minot
52.048 - Irmão Tomás Austin, O'Donnel
52.049 - Irmão Luís Gonzaga, Marin
52.050 - Irmão Maria Basilídio, Freléchoz
52.051 - Irmão Paulo Ambrósio, Fontaine
52.052 - Irmão Licínio Maria, Recarte
52.053 - Irmão Luís Martinho, Esslinger
52.054 - Irmão Roque Maria, Stefani
52.055 - Irmão Hilário Maria, Conroy

52.056 - Irmão Lorenzo, Tanguay
52.057 - Irmão Simão Henrique, Valenne
52.058 - Irmão Gildo Cotta
52.059 - Irmão Quentin, Duffy
52.060 - Irmão Teófilo Martinez
52.061 - Irmão Alfonso Wimer
52.062 - Irmão José Maria Iragui
52.063 - Irmão Roland Bourassa
52.064 - Irmão Gonçalves Xavier Magalhães
52.065 - Irmão Gabriel Rodriguez
52.066 - Irmão Olivier Sentenne
52.067 - Irmão Gabriel Michel
52.068 - Irmão René Gilbert Joos
52.069 - Irmão Paul Sester
52.070 - Irmão Ezequiel Vaquerin
52.071 - Irmão Arturo Chavez
52.072 - Irmão Javier Garcia Terradillos
52.073 - Irmão Jean Thouilleux
52.074 - Irmão Alexis Pâquet
52.075 - Irmão Luiz Silveira
52.076 - Irmão Stephen Urban Minogue
52.077 - Irmão Leonard Voegtle
52.078 - Irmão Renato Cruz
52.079 - Irmão Powel Prieur
52.080 -

53 - Irmãos
(de 00.001 a 99.999, segundo a ordem de registro informático) 54 - Irmãos (idem)

6 - PROVÍNCIAS

60 - França
600 Generalidades
601 Aubenas - Sud-Est
602 Bourbonnais - Varennes
603 Notre-Dame de l'Hermitage - Midi-Centre-Ouest-N.-D.H.
604 Saint-Genis-Laval - Beaucamps-Saint-Genis-Laval
605 Saint-Paul-Trois-Châteaux
607 Notre-Dame de la Cabane - Sud-Ouest

61 - Europa (menos a França e a Espanha)
611 Grã-Bretanha
612 Alemanha
613 Bélgica-Holanda
614 Portugal
615 Irlanda
616 Itália
617 Suíça

62 - Espanha
620 Generalidades
621 Espanha (Grande Província)
622 Bética
623 Catalunha
624 Castela
625 León
626 Levante
627 Madri
628 Anzuola - Norte

63 - América do Norte
631 Canadá
632 Iberville
633 Lévis
634 Desbiens
635 Quebec
636 Estados Unidos
637 Esopus
638 Poughkeepsie

64 - América Central
641 América Central (Cuba, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Honduras) 642 México
643 México Central
644 México Ocidental
645 Colômbia
646 Equador
647 Venezuela

65 - América do Sul (menos o Brasil)
651 Argentina
652 Córdoba

653 Luján
654 Chile
655 Peru
656 Uruguai

66 - Brasil
661 Brasil Central
662 Brasil Meridional
663 Brasil Setentrional - Brasil Norte
664 Santa Catarina
665 São Paulo
666 Porto Alegre
667 Caxias do Sul
668 Rio de Janeiro
669 Santa Maria

67 - África
671 África do Sul
672 Congo - Zaire-Ruanda - Zaire
673 Madagáscar
674 Nigéria
675 Ruanda

68 - Ásia
681 China
682
683 Filipinas
684 Ceilão - Sri Lanka
685 Síria - Líbano-Síria
686 Constantinopla

69 - Oceânia
691 Austrália
692 Nova Gales do Sul - Sidnei
693 Vitória - Melburne
694 Nova Zelândia

(subdivisão válida para cada Província)
A - Assembléias
B - Boletins
C - Circulares do Irmão Provincial
D - Deliberações

E - Entradas - Tomadas de Hábito
F - Finanças
G - Fotos: Irmãos; Casas
H - Históricos da Província
L - Cartas dos Superiores
M - Missões da Província
P - Colocação do Pessoal
R - Relatórios (diversos do Conselho Geral)
S - Estatísticas
V - Votos: temporários; perpétuos; estabilidade
X - Peças oficiais

(Depois vêm as casas classificadas em ordem alfabética de momento; exemplo:
601.001 - Anduza (mais dois algarismos para designar os
601.002 - Antraigues (documentos referentes a essa casa)
601.003 - Aps
.....

7 - FINANÇAS - BENS MATERIAIS

70 - Generalidades: planos contábeis
71 - Correspondência : Coletâneas de cartas:
72 - Prestação de contas financeira do Instituto: Ecônomo Geral
73 - Prestação de contas financeira das Províncias
74 -
75 - Títulos de propriedade
76 - Projetos de construção

CONSTITUIÇÕES E ESTATUTOS DOS IRMÃOS MARISTAS

MARIA

2 * "...Marcelino Champagnat foi cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e para com os outros."

3 * "SEGUIR O CRISTO, COMO MARIA, em sua vida de amor ao Pai e aos homens"

4 * "Dando-nos o nome de Maria, o Padre Champagnat quis que vivêssemos do seu espírito."

* "Convencido de que ela tudo fez entre nós, chamava-a Recurso Habitual e Primeira Superiora."

*"Contemplamos a vida de nossa Mãe e Modelo para impregnar-nos de seu espírito."

* "Suas atitudes de perfeita discípula de Cristo inspiram e pautam nossa maneira de ser e de agir."

* "Havendo Deus dado seu Filho ao mundo por Maria, queremos torná-la conhecida e amada como caminho que leva a Jesus."

* "Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus."

* "As três virtudes mariais de humildade, simplicidade e modéstia nos vêm de Marcelino Champagnat."

* "Conscientes de nossas limitações, mas confiantes em Deus e em Maria, ...podemos empreender e levar Maria...podemos empreender e levar a bom termo trabalhos difíceis."

7 * "A espiritualidade legada por Marcelino Champagnat é marial e apostólica"

* "Como para Maria, Jesus é tudo em nossa vida."

* "Nossa ação, como a de Maria permanece discreta, delicada, respeitosa para com as pessoas."

9 *"Formamos comunidade em torno de Maria, nossa boa Mãe, como membros de sua família."

10 * "...laços particulares nos unem às diversas famílias oriundas da Sociedade de Maria com as quais queremos irradiar na Igreja o espírito de Maria que nos é comum."

15.1 * "Renovamos em comunidade nossa profissão religiosa...ou no dia da Assunção, ou então por ocasião de outra festa marial."

18 * "Maria, escolhida por Deus para lhe pertencer totalmente, é o modelo de nossa consagração."

* "Na Anunciação, ela acolhe na fé a palavra do Senhor..."

*"Abandona-se com alegria e amor à ação do Espírito Santo, pelo dom total de si mesma."

* "Ao lado de Jesus, viveu em total confiança no Pai, até o pé da cruz."

*"Na glória de Cristo ressuscitado, ela é, de modo singular, a mãe de todos os que se consagram a Deus."

* "Consagrados a Maria, e certos de que ela intercede por nossa perseverança na fidelidade, conservamos-lhe um coração agradecido pela graça de nossa vocação."

* "Nosso Fundador que tanto aprendeu de Maria..."

19 * "Quis nascer da Virgem Maria...

21 * "...procuramos em Maria guia e apoio no aprendizado de uma vida casta."

* "Ela é a mulher que, por primeiro, viveu a virgindade por causa de Cristo."

* "O Espírito Santo tornou-a fecunda."

* "Recebendo-a em nossa casa, aprendemos o modo de amar as pessoas e nos tornamos, por nossa vez, sinais vivos da ternura do Pai."

* "Maria inspira-nos resposta gratuita a seus apelos e constante solicitude para com eles."

27.1 * "... a fim de obter, pela intercessão de Maria, o dom da castidade."

* "Continuamos fiéis às práticas...como a devoção à Imaculada Conceição e a consagração a Maria."

30 *"O Magnificat revela-nos o coração de Maria que, com os pobres de Israel, põe sua confiança na fidelidade do Senhor."

* "Com José, o carpinteiro, ela convive com as pessoas simples de Nazaré."

* "...Maria dá seu consentimento ativo a todas as formas de desapego que Deus lhe pede."

* "Com ela, deixamos que se desfaçam, progressivamente, as amarras terrestres, consoante a vontade purificadora do Senhor que molda em nós um coração pobre."

38 * "A vida inteira de Maria é o prolongamento de seu FIAT."

* "Por sua obediência, torna-se Mãe de Deus e coopera na missão redentora de seu Filho."

* "Ela é bem-aventurada porque ouve e cumpre a palavra do Senhor."

* "...aprendemos na escola da Serva do Senhor e respondemos a seu convite:"Fazei tudo o que ele vos disser."

* "Dela aprendemos docilidade ao Espírito e obediência lúcida e corajosa."

46 * "Deles sairemos vencedores, sobretudo pelo recurso a Maria e com a ajuda de nossos Irmãos."

48 * "Sentimos a presença de Maria, Mãe da Igreja."

* "Ela nos ajuda a viver fraternalmente, fazendo-nos compreender melhor que formamos o Corpo de Cristo."

* "Como Maria...estamos atentos às necessidades da comunidade e do mundo."

* "Como ela em Nazaré, levamos vida simples e laboriosa."

49 * "...e junto à Boa Mãe, aprofundavam o sentido da fraternidade, da dedicação e da abnegação a serviço dos outros."

53 * "...a comunidade considera o Irmão jovem como graça de Deus e atenção de Maria.

54 * "Por sua vez, o Irmão busca força no Senhor e em Maria."

55 * "O Irmão prova, assim, a felicidade de morrer na família de Maria."

67 * "Maria é para nós modelo de oração."

* "Virgem da Anunciação, acolhe a palavra de Deus."

* "Mulher bendita entre todas,exulta de alegria em Deus, seu Salvador."

* "Serva fiel, ela vive seu SIM até a Cruz."

* "Mãe, confronta em seu coração as ações do Filho com as palavras da Escritura."

* "Em Caná, ela intercede e, no Cenáculo, reza como Igreja."

* "Orando com Maria, comungamos de seu louvor, de sua ação de graças, de sua intercessão."

68 * "Dirigia-se a Maria com a confiança de uma criança."

70.1 * "...começamos habitualmente o dia pela salve-rainha ou outra saudação marial."

74 * "Nosso culto marial...exprime-se pelo amor, a confiança e a admiração; e tende à imitação de Maria em suas atitudes para com Deus e para com os homens."

* "...vamos a Maria como a criança vai a sua mãe."

* "Procuramos aprofundar nossa relação com ela pela oração e pelo estudo da doutrina marial."

* "Suas principais celebrações... são tempos privilegiados para intensificar nossa devoção para com essa boa Mãe."

74.1 * "Cada dia, louvamos a Mãe de Deus pelo terço ou outra prática de piedade marial..."

74.2 * "Tomamos a peito preparar as festas mariais no espírito da liturgia."

74.3 * "Celebramos o mês de Maria comunitariamente e, quando possível, com os alunos ou com outros fiéis."

76 * "Rogamos-lhe nos faça partilhar de seu amor a Jesus e a Maria."

84 * "Maria, educadora de Jesus em Nazaré, inspira nossas atitudes para com os jovens."

* "Nossa ação apostólica é participação em sua maternidade espiritual."

* "A contemplamos, desconhecida e oculta no mundo,fiel a sua missão de dar Deus aos homens."

* "Com simplicidade, entusiasmo e caridade, ela leva Cristo ao Precursor e o revela aos pastores e aos magos.

* "...espera a hora de Deus, pronta, porém, a intervir para obter o primeiro sinal que suscita a fé dos discípulos."

*"Depois desaparece para deixar espaço a Jesus."

* "Mas junta-se a ele no sofrimento e na humilhação da cruz..."

* "Orientamos o coração dos jovens para Maria, a perfeita discípula de Cristo."

* "Fazemo-la conhecida e amada como caminho para ir a Jesus."

* "Confiamos-lhe aqueles por quem somos responsáveis."

*"Levamo-los a rezar muitas vezes a essa Boa Mãe e a imitá-la."

84.1 * "...asseguramos aos jovens uma catequese marial."

86 * "Dedicamo-nos inteiramente a esse ministério (catequese)... confiantes na ajuda do Senhor e na proteção de Maria."

91 * "Como Maria (os Irmãos missionários) retiram-se quando sua presença já não é necessária."

93 * "Convidamo-los a estarem atentos às necessidades dos homens, a abrirem o coração à vontade do Pai, a crescerem numa atitude marial de disponibilidade."

94 * "Como para Marcelino Champagnat, Maria é a inspiradora de nossa pastoral vocacional."

*"Pedimos-lhe conserve e desenvolva sua obra."

97 * "Pela prática dos conselhos evangélicos, ele se põe a seguir o Cristo, do jeito de Maria."

107 * "Escolhem (os formadores) Maria como inspiradora de sua missão, aprendendo dela como acompanhar com amor, perseverança e discrição os que lhes são confiados."

120 *"Reconhecemos a pertença do Instituto a Maria, que fez tudo entre nós, chamando-a Primeira Superiora."

* "Obedecemos a Deus nos seus representantes, do jeito de Maria, com a disponibilidade total..."

*"Aqueles que nos governam deixam-se guiar pelo espírito da Serva do Senhor."

* "A seu exemplo, ouvem, refletem e agem em vista do crescimento espiritual dos Irmãos."

* "Confiantes, recorrem a ela em todas as circunstâncias."

163 * "Em nossas vidas e em nossa história, fazemos a experiência do amor e da fidelidade de Deus, bem como da proteção maternal de Maria."

170 *"Essa iniciativa (voto de estabilidade) traduz nosso desejo... de exprimir nossa gratidão para com a Virgem Maria e o Instituto."

170.3 * "...desejando...tornar conhecida e amada vossa Mãe..."(fórmula do voto de estabilidade."

171 * "Nossa vida torna-se....um convite a encarnar o Evangelho do jeito de Maria."

ESTUDOS

O PADRE CHAMPAGNAT E A FORMAÇÃO DOS IRMÃOS

"O êxito de seu Instituto me parece maravilhoso, sobretudo, quando me recordo dos elementos bisonhos de que dispunha no início e com os quais conseguiu fazer Irmãos instruídos e piedosos em sua grande maioria". (Depoimento do Pe. Cláudio Maria Tissot).

São os predicados excecionais do formador que provocam a admiração desse sacerdote, oriundo de La Valla, e discípulo, também ele do Pe.Champagnat. Nosso Bem-Aventurado Fundador era educador nato, que exercia influência marcante nos discípulos, mas que não apresentou por escrito nem seus princípios nem a prática. Tentar definir sua linha pessoal na formação dos primeiros membros é tarefa difícil. Trata-se de passar ao crivo e analisar a documentação de que dispomos para deduzir o essencial de suas atividades como formador.

Não é inútil destacar, desde o começo, que o resultado deverá estar em concordância perfeita com a silhueta global do Fundador e de seu carisma; um aspecto particular de um conjunto coerente.

De outra parte, todas as congregações dispõem de instituições para a formação de seus candidatos. Aliás, assemelham-se muito, porque de boa vontade se adota o que se revela eficaz em outras. O que importa, então, é identificar o espírito particular e as atitudes pessoais de nosso Fundador, que imprimiram à formação Marista suas características próprias.

I - A ATITUDE FUNDAMENTAL

"A comunidade formativa muitas vezes permanece uma realidade nominal...os relacionamentos formativos são fictícios, os hábitos formativos se sucedem pressupostos ou resignados, nunca levados ao cumprimento efetivo... Alguma coisa não funciona quando se vêem mais instituições do que comunidades, que se observam mais palavras do que experiências, mais ensinamentos do que envolvimentos com testemunhos exemplares e convidativos, mais lugares e tempos de isolamento que vias de inserção" (Diversos autores, Formação à vida religiosa, editora Rogate, Roma, 1983, p. 151, Pe.Gianola).

Em uma conferência, o padre salesiano Pedro Gianola menciona os "burocratas do bem", esses religiosos que constituem sobretudo uma casta social. Apresenta com força o problema fundamental das instituições esvaziadas de vida, sistemas artificiais e improdutivos. Talvez seja nessa armadilha que a gente se deixa prender mais facilmente em época em que os meios financeiros permitem criar, organizar e equipar as instituições. Mas que resultado pode-se esperar quando se faz economia do esforço profundamente humano e espiritual?

"Portanto, requer-se muita flexibilidade nos métodos e ao mesmo tempo, clareza de objetivos, de maneira a pôr em ação todos os recursos, energias e o entusiasmo dos jovens, propondo o que responde às suas aspirações autênticas". (O.C., p. 201, Elio Gambari).

É em face desse problema que a atitude pessoal do Padre Champagnat na formação de seus Irmãos assume todo o relevo. Esse fundador de um instituto para o ensino não tem nada de um intelectual que projete esquemas abstratos sobre a realidade. É um homem de coração e ação, totalmente voltado para uma via direta; um homem de coração simples que se orienta espontaneamente ao essencial e vital. Na fundação do Instituto, economiza os grandes rodeios intelectuais e começa a agir em seguida. Passaram-se apenas seis meses desde a saída do seminário e já os primeiros candidatos começam a vida comunitária na primeira casa do Instituto.

A grande idéia da fundação fica reduzida assim a uma iniciativa simples: vive-se juntos, trabalha-se, reza-se, prepara-se o estudo, ao mesmo tempo que se ensaiam as lides apostólicas da educação cristã pela catequese e o cuidado dos meninos pobres. A regra contenta-se em organizar a vida, vai desenvolver-se com os progressos da congregação e a multiplicação de suas atividades. Não há lugar para estruturas injustificadas, nem alienação intelectual. Ao contrário da maioria dos fundadores do século XIX, preocupados em organizar a

priori estruturas de vida, Marcelino Champagnat parte da experiência e responde a necessidades reais. Renunciando a qualquer justificação ideológica, proclama sem rodeios que foi a partir das dificuldades que enfrentou na aprendizagem da leitura que resolveu ajudar aos jovens dos campos dando-lhes mestres e educadores cristãos.

Perante o inspetor Guillard, que se espanta da ausência de autorização oficial para as primeiras escolas, o jovem fundador revela sua atitude pessoal habitual:

> *"O senhor coadjutor...expõe que espera, para fazer-se autorizar legalmente, que a árvore que acaba de plantar...tenha lançado raízes" (OM 1, p.275)*

Este depoimento precioso nos situa perante um homem centrado no real: a vida, o crescimento. A organização institucional não é rejeitada, mas deve seguir a vida, em lugar de a preceder.

Boa vontade: a única condição.

A resposta ao aspirante Pedro Aleixo Labrosse, futuro Ir.Luís Maria, que se informa das condições requeridas para ingressar no Instituto, é um exemplo impressionante dessa simplicidade do Fundador que reduz ao essencial as disposições à vida religiosa:

> *"A maior, se posso dizer, a única condição para entrar em nossa casa, com a saúde, é a boa vontade e o desejo sincero de agradar a Deus(29.08.31).*

Boa vontade e sinceridade, essas duas componentes da "simplicidade" bíblica do coração, voltam seguidamente na pena de Marcelino Champagnat: Exprimem uma exigência da verdade e da autenticidade destinada a assegurar uma disposição fundamental na vida religiosa. Não receia em relativizar todo o resto, com o risco de expor-se à incomprensão dos "sábios deste mundo".

> *"Não se compreende nada a respeito da organização desses Irmãos: fazem o contrário dos outros. O Irmão mais capaz leciona no curso inferior, e o que parece menos instruído está encarregado da direção da casa" (Vida, 2ª parte, cap. XVIII).*

A escolha do Irmão Boaventura é uma ilustração suplementar dessa atitude decidida do Fundador. Esse jovem, que tinha sido empregado, no mun-

do, foi chamado para a importante função de mestre de noviços, bem no começo de sua vida religiosa, porque o Padre Champagnat nota sua abertura à graça e à fidelidade.

Se o Pe.Champagnat concede tanto valor à boa vontade, à sinceridade e à autenticidade, é porque não ignora que essas disposições condicionam a abertura de coração, indispensável para colaborar com a graça de Deus. A ação formadora de Champagnat enxerta-se espontaneamente na boa vontade e no fervor.

> *"Quanto a ele, procurava, em primeiro lugar, insinuar-se ao espírito, ganhar o coração de quem repreendia e fazer-lhe confessar a falta; depois, dava-lhe com bondade os meios adequados para se corrigir.*
>
> *As correções eram quase sempre feitas sob forma de aviso e consistiam em fazer conhecer com simplicidade, ar aberto e bom, o que era necessário fazer ou o que deveria ser evitado". (Vida, 2ª parte, p. 240, cap. VI).*

Um depoimento do Irmão Francisco evoca ainda com mais relevo o "bom pai" que se dirige ao coração dos filhos:

> *"Sua direção não consistia em muitas palavras. Era muitas vezes uma carícia paternal, uma frase, os mesmos dizeres repetidos diversas vezes, mas ditos por ele, desciam até ao fundo do coração, para levar aí o amor de Deus, o desejo de melhorar. Quantos junto dele encontraram a paz, a confiança, a felicidade" (Escritos, vol.VIII, p.114).*

Engajamento pessoal do formador.

A psicologia contemporânea afirma de bom grado que, para ter influência sobre os outros, é necessário ser a gente mesma: a autenticidade é contagiosa. O Padre Champagnat apoiava sua exigência de boa vontade e sinceridade em um compromisso pessoal heróico. O Irmão Lourenço no-lo mostra coberto de suor e de poeira, fazendo sempre os trabalhos mais difíceis para poupar os Irmãos. Outras testemunhas destacam que o Fundador era o primeiro em tudo, modelo vivo que arrastava a todos a seguir suas pegadas:

> *"Meu pai ia seguidamente a l'Hermitage ver meus irmãos religiosos, no convento, e cada vez trabalhava diversos dias com os operários. Ao voltar para casa, nos dizia:" L'Hermitage é um paraíso; reza-se, trabalha-se, a gente se quer bem, guarda-se o silêncio e o Padre Champagnat é sempre o pri-*

meiro em tudo, o mais edificante de todos; arrasta a todos pelo amor e veneração que inspira" (Processo informativo).

Na circular de 6 de janeiro de 1857, o Irmão Francisco recorda que um princípio habitual do Padre Champagnat queria que o exemplo precedesse ao ensinamento:

"Durante a vida, propôs-se essas palavras da Sagrada Escritura que nos repetia muitas vezes nas instruções: Jesus começou por fazer antes de ensinar" (Atos 1,1) e, nos recomendava de proceder da mesma forma em relação aos alunos".

Se a tradução do versículo dos Atos nos parece inexata hoje, o princípio evangélico que se quer pôr em evidência conserva todo o valor. Está inteiramente dentro da linha de outra convicção pessoal do Fundador, formulada na carta de 21 de janeiro de 1830 ao Irmão Bartolomeu:

"Sei também que têm um bom número de crianças; terão por conseguinte um bom número de cópias de suas virtudes, porque é com vocês que as crianças se formam, e será de acordo com os exemplos de vocês que irão regrar a maneira de proceder".

O Irmão João Batista parece ter assimilado bem esse princípio do Padre Champagnat e repete de bom grado:

"Um Irmão Diretor terá tantas cópias de suas ações, e de imitadores de sua conduta quantos os Irmãos que tem sob sua direção..."(A.L.S., cap.II, p.28).

Como se vê nesta passagem, trata-se da formação dos jovens Irmãos. Sucede o mesmo na biografia do Irmão Boaventura quando o Fundador deve dirigir-se diretamente ao mestre de noviços para completar-lhe a formação:

"Todos os formandos têm os olhos sobre você. Terá tantas cópias de suas ações quantos os noviços; será de acordo com você que se modelarão..." (Biografias, p. 111).

A qualidade do elemento tradicional do exemplo é que garante a autenticidade dos valores propostos e de todo o processo formador. Pode-se afirmar, em geral, que os jovens se abrem espontaneamente aos valores verdadeiros, e que se revoltam contra as falsificações. Quantos adultos, pais ou educadores, capitulam perante as exigências da educação refugiando-se em discursos teóricos que não engajam as pessoas diretamente! Os exemplos citados mostram

que Marcelino Champagnat reduziu ao mínimo o intermediário intelectual para dar toda a eficácia à influência vital direta.

Ambiente de família: simplicidade e bondade.

Contudo, a eficácia do exemplo não é de ordem mecânica. Exige um ambiente educativo em que o relacionamento possa ser autêntico graças a atitudes pessoais marcadas pela transparência e a benevolência recíprocas. É esse ambiente de família, matriz de toda educação, que caracteriza os discípulos do Padre Champagnat desde o início. Na carta de primeiro de dezembro de 1823, em que o Fundador presta conta dos estabelecimentos que acaba de visitar, achamos estas linhas sugestivas:

> *"A vida em Tarentaise também vai bem. Os alunos dizem que o Irmão Lourenço era "um bom menino" (amigo), mas que este (o sucessor) é ainda mais".*

Como a expressão "bom menino" evoca a simplicidade e a bondade, nos leva à definição da vida de família bem como às relações paternais ou fraternais na educação das crianças ou formação dos jovens religiosos. Nesse ponto,encontramos duas realidades importantes: uma sólida tradição do espírito de família nos Irmãos de Maria e uma atitude pedagógica contemporânea das mais importantes.

A paternidade do Fundador em relação a seus discípulos aparece nitidamente no testemunho já mencionado do Irmão Lourenço. Citemos aqui algumas palavras da "carta das lágrimas" escrita durante a crise do verão de 1830, em que o bom Padre evoca as grandes provações que pontilharam o crescimento de sua obra:

> *"Transmiti confiança a meus filhos (na crise de 1826). Disse-lhes que não deviam recear nada; que compartilharia de todos seus infortúnios repartindo o último pedaço de pão. Vejo nessa circunstância que nem um nem outro (os Padres Courveille e Terraillon) tinham para com meus filhos sentimentos de pai".*

Não se pode desenvolver aqui o tema do espírito de família que é um dos aspectos do carisma do Instituto. Evoquemos ainda estas preciosas linhas do Irmão Francisco, tiradas de uma instrução sobre o Padre Champagnat, feita aos Irmãos de l'Hermitage.

"Mas, sobretudo, era bom, compassivo, era pai...Ao fundar a congregação, quis fazer uma família cujo guia fosse pai e onde os Irmãos mais idosos vigiassem e protegessem os mais jovens. Sejamos pois de sua família, filhos seus...(Caderneta 13, Instruções, p. 217).

Em nossa congregação, o espírito de família cristaliza-se em volta de dois pólos: a paternidade do Fundador e uma devoção filial e carinhosa para com a "Boa Mãe". Uma citação do Testamento Espiritual substituirá um desenvolvimento que não pode achar aqui o lugar que lhe caberia naturalmente:

"Uma devoção terna e filial por vossa boa Mãe vos anime em todo tempo e em todas as circunstâncias".

É claro que se trata de um apego do coração e não de simples convicção intelectual. Em harmonia natural com a simplicidade da criança, que é uma caraterística fundamental do espírito Marista, essa "devoção terna e filial" marca a vida e o comportamento do Irmão de Maria. Não é necessário dizer que a formação para o conhecimento e o amor de nosso bom Pai e de nossa "Boa Mãe" constituem dois elementos essenciais na preparação dos aspirantes e jovens religiosos.

É interessante ressaltar que o estilo familial da vida Marista, fundado na herança da simplicidade, uma tradição de paternidade dos superiores e amor filial para com a Boa Mãe, coincide com os ideais contemporâneos da formação à vida religiosa:

"O formador com certeza, não será mais um personagem envolvido no mistério e na presunção...Não será nem um patrão nem um dominador...Parecerá estranho, mas o requisito mais maduro é o da paternidade e maternidade espirituais, afetiva, formativa vocacional, como aconteceu na melhor tradição religiosa, nos Padres do deserto até São Bento e São Francisco, Santo Inácio...Dom Bosco...
Portanto, os formadores...devem usar menos palavras, poucos escritos e documentos...Deve abundar neles a vida vivida em conjunto...Essa vida religiosa faz-se...proposta de um testemunho exemplar, nos traços fundamentais de Jesus e dos fundadores...
Tem valor primordial o contacto pessoal contínuo, exemplar e também formativo, como acontecia antes que nascessem esses institutos caros, mas artificiais e separados, que são os seminários, as casas de formação; como acontecia na época dos mestres de artes antes das escolas; como nos tempos dos mestres de vida espiritual..." (O.C., pp.158-159).

Entreter a boa vontade e o fervor.

Paternidade espiritual, formação pela influência de vida direta e a vida compartilhada: os ideais contemporâneos nos levam diretamente à prática do Padre Champagnat, totalmente arraigada na autenticidade de vida e fazendo apelo constante à boa vontade dos indivíduos. Uma das tarefas importantes dos formadores é então de cultivar essa boa vontade fundamental e desenvolvê-la sem cessar. Além da meditação e dos exercícios de piedade, a vida religiosa dipõe de meios simples e concretos para manter essa "forma" espiritual. A regularidade tem o merecimento de concentrar a boa vontade do indivíduo no cumprimento fervoroso da vontade de Deus no momento presente. A dedicação, virtude Marista tradicional, impele a doar-se totalmente às tarefas comunitárias e apostólicas de sua família religiosa. Para nosso Bem-Aventurado Fundador, essa virtude resumia as disposições que exigia dos jovens religiosos em formação:

> *"Nossa sociedade se multiplica cada vez mais: contamos presentemente 176 Irmãos e bom número de noviços e todos parecem bem dedicados" (carta ao Sr.Fontbonne, 16.05.1837).*

A arte da correção

A correção corajosa, feita com tacto, suavidade e amor, é um dos meios mais eficazes para manter a retidão fundamental nas almas, corrigindo sem cessar os defeitos e os desvios. Representa assim momentos fortes da formação da qual depende todo o resto. A arte de corrigir identifica-se, de alguma sorte, com a arte da educação. Marcelino Champagnat, que era essencialmente educador, parece ter encarnado essa arte delicada. Na biografia, o Ir.João Batista dá boa ilustração desse aspecto importante do Fundador (Cf. 2ª parte, cap. XVI). O Padre Champagnat nunca negligencia a correção, mas a faz com notável tacto, muito amor, às vezes com humor, e sempre encorajando.

O depoimento de João Félix Tamet, que tomou o hábito aos doze anos, assumindo o nome de Ir.Silvestre é uma ilustração comovente do amor do Fundador para com os jovens, sua paciência infinita para com eles, e na arte consumada com a qual os corrigia e os confirmava na vocação. Esse rapaz turbulento de Saint-Etienne, por suas estroinices, cansou a paciência de todos em l'Hermitage, menos a do bom Padre, que soube inspirar-lhe uma afeição indefectível.

> *"Rogo ao leitor de prestar muita atenção, nos parágrafos que seguem, a tudo o que o Venerável Pai fez para corrigir os meus defeitos e me conservar na*

vocação. Ver-se-ão casos de paciência incomparável, que acompanhada da paternidade mais terna, unida à firmeza constante, acabou por triunfar de meu caráter leviano, dissipado e que não parecia conveniente à vida religiosa... Dotado de temperamento vivo, estouvado e naturalmente dissipado, ia-me deixando ir, desde os primeiros dias de noviciado a infantilidades e a estravagâncias que não tardaram em atrair da parte do Venerável Pai, conselhos, advertências, ameaças, correções, que não me corrigiram, de maneira que, naturalmente, o V.Pai devia me enviar para casa...

O estouvado corta o caminho ao Padre Champagnat em uma escada, pensando fazer uma farça a um Irmão:

"Esperava, naturalmente, algum castigo exemplar. Pois bem, não aconteceu nada. Quando fui ter com ele, no sábado, para pedir a permissão de costume, disse-me uma palavrinha mordaz e agradável ao mesmo tempo, recomendando-me de ser mais sério e não mais se referiu a esse incidente..."

Depois de narrar outros estouvamentos, o Ir.Silvestre afirma que o bom Pai tinha para com ele afeição muito viva e que diversos Irmãos mais antigos pareciam descontentes de sua longa paciência a seu respeito. (Memórias do Ir.Silvestre, pp. 265-273).

O Ir.João Batista, geralmente mais severo, confirma a "experiência" pessoal do Irmão Silvestre quando jovem:

"Por via de regra, era extremamente indulgente para com os jovens, contanto que os achasse animados de bons sentimentos e que dessem prova de boa vontade" (Vida, 2ª parte, cap.XVI, p.243).

Contudo, o Ir.João Batista era pessoalmente muito rijo para ser sensível ao humor do Padre Champagnat. Ao relatar o episódio da escada (p.242) muda totalmente o tom, adotando uma linguagem severa. É aí que se constata a superioridade do mestre sobre o discípulo no domínio da formação.

A carta de 23 de novembro de 1834 ao Irmão Dominique é uma pequena obra-prima de psicologia prática. O hábil superior tenta, diversas vezes, esvaziar progressivamente os excessos de um temperamento irriquieto. Faz uma correção nítida e completa, mas como bom cirurgião, tem o cuidado de pensar a chaga com humor, para adoçá-la com o lenitivo da compreensão paternal, do amor e a evocação de perspectivas espirituais:

"Com um pouco mais de humildade e obediência a vida não lhe iria tão mal. Se o caro Irmão Liguori lhe tivesse dito que todos os Irmãos o tinham

parabenizado por ter a você como colaborador, teria sido tão simplório em acreditar? É, meu caro Dominique, é impossível que nossas maneiras agradem a todos...
Não deve pagar um pouco, neste ano, o que você fez sofrer aos outros que estiveram com você? Você é justo demais pensando que não contraiu dívida alguma. Paciência, caro amigo, paciência! Dentro de alguns dias visitá-lo-ei, ajeitarei tudo para o melhor, com a graça de Deus...Coloque-se enquanto espera, entre os braços de Maria; ela o ajudará muito a carregar a cruz". (Ver a explicação da carta, Boletim do Instituto, abril 1974, Tomo XXX, nº 216).

As provas

A correção poderia ser considerada a pedra de toque da formação porque é um dos aspectos mais difíceis e importantes. Em Marcelino Champagnat encarna uma vontade profunda, poder-se-ia quase dizer um instinto de educação, e alia-se naturalmente à necessidade pessoal de autenticidade. A esse título, a correção tem como corolário a prova destinada a verificar a intenção reta fundamental. O Ir.João Batista reuniu igualmente esses dois aspectos da formação no Capítulo XVI da 2ª parte da Vida do Fundador, acrescentando como sempre, a expressão de sua própria tendência à severidade.

"Se notasse que alguém tivesse tendência para a vaidade, humilhava-o publicamente, ou então o colocava na cozinha, na aula para os principiantes ou em algum emprego manual"...
Queria que tivessem virtude sólida. Por isso, nas instruções voltava sem cessar e, com notável insistência, sobre a humildade, a pobreza, a mortificação e as outras virtudes que despojam o homem de si e de todos os defeitos que se escondem nos recônditos da alma, tais como: o apego à vontade própria, a vaidade, o espírito próprio, a amor ao repouso e de tudo o que agrada à natureza. Tinha talento raro em descobrir e desmascarar essa espécie de defeitos para inspirar o horror a eles".

Apoiado sobre essas afirmações do biógrafo, aqui vão algumas notas recolhidas pelo Irmão Francisco e que poderiam intitular-se "o pecado dos perfeitos". O campeão da simplicidade de coração levanta-se contra a autocomplacência:

"Uma caligrafia bem feita ousaria gabar-se e esquecer ou desprezar quem a fez?...O que vive mais regularmente deve recear o veneno do orgulho e do amor próprio que lhe poderia causar a morte. O que faz todas as ações com exatidão, piedade e fidelidade deve precaver-se contra os louvores dos ho-

mens...A vontade de Deus é essa régua de ouro de que fala S.João (Apoc. 11), com que devemos medir todas as nossas ações "(C.O. p. 152).

Essas palavras veementes, o Fundador sabia traduzi-las em atos e criar situações de prova em que o indivíduo vaidoso era obrigado a tirar a limpo suas disposições profundas. Na carta de 1° de dezembro de 1823, achamos alusões ao caso do Ir. João Francisco (Etienne Roumesy), que se envaidecia dos sucessos em Saint-Sauveur, e que o Fundador trocou de casa sem avisá-lo de antemão.

"Em Saint-Sauveur, a escola progride sempre mais, embora o Irmão João Francisco não lecione lá".

Infelizmente, esse discípulo dos começos do Instituto (1819), não soube colocar a vontade de Deus acima das satisfações pessoais e deixou o Instituto em 1826 (Cf. Vida, 1ª parte, p.176). Este exemplo faz-nos medir a exigência de sinceridade do Padre Champagnat que queria religiosos autênticos, verdadeiros servidores de Deus na congregação.

Treinamento em vista das dificuldades futuras.

A formação, contudo, está normalmente voltada para o futuro e visa preparar os jovens para a vida e suas provas. Comporta necessariamente um aspecto de exercício, que treina e aguirre os candidatos em vista de situações difíceis de que, muitas vezes, depende a fidelidade e a perverança. Santo Inácio, que fora soldado, destacou fortemente essa exigência realista. Se o formador souber evitar o artificial e o excesso, os discípulos lhe serão agradecidos, mais tarde, por esse realismo.

Aqui não temos necessidade de nenhuma demonstração. Sabemos bem que além da regularidade e do fervor, l'Hermitage era local marcado por grande pobreza e trabalho manual duro e constante. Aqui vai uma das perguntas que a gente se fazia a respeito de um candidato que pedia para ingressar na congregação:

"Não se teria colocado na idéia de que terá que trabalhar menos na religião do que no mundo? Que estará mais à vontade? Que só terá que rezar, assistir à missa, etc, etc. (Carta de 29.03.1835).

Compreendemos que o jovem que marretou os rochedos de l'Hermitage quatro ou cinco horas por dia, durante o noviciado, teve tempo de renunciar

a sonhos de vida fácil e encontrar-se bastante aguerrido para enfrentar as condições mais difíceis do apostolado.

A responsabilidade dos Irmãos Diretores

Marcelino Champagnat, o homem da experiência e da vida direta, sabia muito bem que um noviciado fervoroso é apenas o começo de uma boa formação religiosa. Sobretudo no começo do Instituto, em que,sob a pressão das necessidades apostólicas, a iniciação à vida religiosa podia-se reduzir a alguns meses apenas. Aliás, apesar dos esforços de adaptação, o noviciado permanece sempre um meio mais ou menos artificial em que o candidato acumula, sobretudo, um capital de boa vontade e de fervor que lhe permitirá ultrapassar os obstáculos da vida real. A etapa seguinte, que vai do noviciado à emissão dos votos perpétuos, torna-se então determinante para a formação religiosa. O jovem está mais em contacto com as realidades da vida comunitária e apostólica e reage com maior autonomia pessoal nas situações difíceis.

> *"É um período decisivo da vida de uma pessoa é o que determina, normalmente, a qualidade da vida humana e religiosa, imprime vigor na fé e na criatividade, a serviço do apostolado". (O.C., pp.209-210,S.Bisignano).*

Dado que, no início do Instituto, o escolasticado não tinha ainda existência regular, a responsabilidade maior da formação dos jovens Irmãos recaía sobre os Irmãos Diretores das casas. Aliás, quando o escolasticado existia, os jovens Irmãos permaneciam um tempo bastante reduzido, essencialmente orientado para a preparação dos exames oficiais. De onde a importância do papel dos Irmãos Diretores, como se depreende dos textos do Ir.João Batista, de certas circulares e antes de tudo, das Regras e Constituições do Instituto.

> *"O Irmão Diretor fará todos os esforços para formar à piedade e à ciência os que estão com ele"(Regra de 1837, p.28).*

Esse programa condensado recebe uma formulação mais detalhada nas Constituições de 1854 (p. 199):

> *"18. O Irmão Diretor deve formar à ciência e à virtude os Irmãos que estão sob sua guia; compete a ele firmá-los na vocação, dar-lhes o espírito do Instituto, continuar e aperfeiçoar a educação que receberam no noviciado, formá-los à meditação e às práticas da vida religiosa e dirigi-los nos estudos e no emprego".*

Na circular de 9 de fevereiro de 1867, o Irmão Luís Maria comenta esse capítulo IV das Constituições intitulado:"Dos Irmãos Diretores". O objetivo expresso é a "Formação dos Irmãos e o espírito religioso". Essas tarefas essenciais repousam sobre os ombros dos Irmãos Diretores que podem facilmente dar-se conta da "gravidade e da estensão de suas obrigações" seguindo os desenvolvimentos abundantes do autor. Após um paralelo entre as funções dos mestres de noviços e dos diretores, o Superior Geral conclui com grande clareza:

> *"Não receamos dizer: aos mestres de noviços cabe antes a preparação para a educação religiosa do que essa educação propriamente dita. A educação séria dos Irmãos, sua educação prática e continuada não se pode fazer senão nas casas, sob os cuidados assíduos, diários, perseverantes e sempre paternais dos Irmãos Diretores" (p.350).*

Como o Ir.João Batista é o inspirador principal e mestre de obras dos livros saídos do Capítulo Geral de 1852-1854, é de sua pena que achamos a formulação mais importante das tradições formativas que nos ocupam:

> *"Uma comunidade é um corpo moral cuja cabeça é o superior e cujos membros são os inferiores... O Superior forma os discípulos a sua imagem e semelhança. O Padre Champagnat tinha seguidamente estas máximas na boca e estava tão profundamente convencido que assegurava que a sorte e o futuro do Instituto residiam inteiramente entre as mãos dos Irmãos Diretores.*
>
> *Não devemos estranhar se depois disso se motrasse tão prudentee, poder-se-ia dizer severo, na escolha dos Irmãos Diretores, e que considerava como um dos primeiros deveres o cuidado em formá-los na direção das escolas e ao governo das casas. (Vida, 2ª parte, cap. XVII, pp. 257-259".*

O Irmão João Batista enumera, a seguir,as qualidades que o Fundador queria encontrar nos Irmãos Diretores. Podemos ver os atributos de um formador Marista segundo o espírito do Padre Champagnat (e do Ir.João Batista).

> *"Um bom espírito, grande dedicação ao Instituto, muito jeito para fazer as coisas, amor à ordem e à economia, fidelidade à Regra, verdadeira piedade, e acima de tudo, caridade, humildade e prudência, tais eram as qualidades e as virtudes que exigia de um Irmão para encarregá-lo de conduzir os demais" (Ibid, p. 262).*

Se traduzirmos "bom espírito" por "boa vontade", estaremos sintonizados com o Padre Champagnat que privilegiava as qualidades do coração e sua

aplicação na vida religiosa prática. Porque a formação Marista está diretamente enxertada na vida, sem nenhum resíduo cultural parasita.

O Irmão Diretor forma os Irmãos pelo exemplo. Deve:

" ser sempre o primeiro na prática da virtude, o primeiro a guardar o silêncio, a entregar-se ao estudo, a manter a ordem e a limpeza, a trabalhar na horta e a vigiar os alunos..."Deve dirigir os Irmãos, formá-los à virtude e aos conhecimentos de seu estado, segui-los nos detalhes de sua conduta" (p. 267).
"Um dos primeiros deveres é de formar os Irmãos aos diversos empregos do Instituto. Para isso é necessário que saiba fazer de tudo, a fim de colocar a mão em tudo e dar em todas as coisas lições práticas, executando perante os Irmãos o que não sabem realizar (p.268).

O espírito que anima a formação Marista

Finalmente, a autoridade confiada aos Diretores:

"deve dirigir os Irmãos na via traçada pela Regra...e mantê-los no dever, no espírito e objetivos do Instituto" (Ibid., p.270).

O Irmão Luís Maria associa muito judiciosamente "a formação dos Irmãos ao espírito religioso", porque, ligado ao meio educativo, é um elemento essencial da formação. Ao percorrer os textos muito abundantes relativos a esses dois formadores que são o diretor e o mestre de noviços, achamos os elementos maiores do espírito Marista: humildade, simplicidade, boa vontade, espírito de família e cordialidade, paternidade dos superiores, amor ao trabalho, dedicação, devoção filial à boa Mãe.

O mestre de noviços possuirá "uma terna e sólida devoção à Santíssima Virgem, uma confiança sem limites em sua proteção, fazendo todas as ações em união com essa divina Mãe, dela esperando tudo e recorrendo à sua bondade, com a simplicidade de uma criança..." (Constituições de 1854, p.145).

"Uma terna caridade para com todos os discípulos que o leva a amá-los e lhes querer bem...como filhos, e servir-lhes de pai e mãe..."(Ibid.,p.147).

Por sua vez, o Irmão Diretor "testemunhará aos Irmãos em toda ocasião toda a ternura de um pai". (p. 190). "Esforçar-se-á em conquistar-lhes a confiança por uma grande cordialidade...e mostrar-se-á em todas as ocasiões an-

tes um pai do que um superior" (p.199).
"Antes de admitir os postulantes...o mestre de noviços aplicar-se-á particularmente a conhecê-los...se gostam do trabalho, se têm aptidões para a ciência e uma vontade bem pronunciada de dar-se a Deus" (p. 150).

"...se não forem ainda virtuosos, poderão tornar-se contanto que tenham um desejo verdadeiro e vontade sincera..." (p.151).

Esta última passagem nos conduz praticamente às expressões do Fundador que as utiliza na carta a P.A. Labrosse sobre as condições requeridas para ingressar no Instituto.

"Procurará, acima de tudo, transmitir-lhes o espírito do Instituto, isto é, formá-los ao espírito de humildade e simplicidade, tendo o cuidado...de lhes fazer bem compreender que a humildade e a simplicidade devem ser as virtudes queridas dos Pequenos Irmãos de Maria..." (pp. 169-170).

É certo que a humildade e a simplicidade estão inseparavelmente unidas como o interior e o exterior da mesma realidade. Contudo, é útil identificar o essencial do espírito em uma só palavra: a humildade que deve existir em todo homem de boa vontade. As Constituições de 1854 acham a boa fórmula e a inserem entre as recomendações práticas aos Irmãos Diretores.

"Os Irmãos de Maria não devem jamais sair da simplicidade que é o caráter distintivo do Instituto" (p. 196).

Na segunda parte da circular, o Ir.Luís Maria descreve um fato da experiência pessoal que serve como nó de suas exortações. Foi testemunha do entusiasmo suscitado pela chegada a l'Hermitage de uma caixa com livros:

"Ei-los os três, muito alegres e expansivos, de joelhos em volta dessa pobre caixa, ajudando-se a despregá-la; depois, passando-se um depois do outro os livros, os papéis, os objetos e tudo que estava dentro, olhando-os contentes, virando-os em todos os sentidos...Mas o que me impressionou, o que mais me comoveu foi a admiração, foi ver a simplicidade desses excelentes Irmãos, a candura de alma, a admirável inocência que os fazia achar...uma enorme satisfação em coisas tão pequeninas...
Foi para mim uma felicidade lembrar aqui essa cena encantadora de família, de piedade filial que me propiciaram...

Possam Jesus e Maria, banir de nossas relações mútuas o infantilismo e as puerilidades, conservando a singeleza, a simplicidade, a cordialidade do verdadeiro

espírito de família. É esse bom espírito que deve entrar essencialmente na educação de nossos jovens Irmãos". (Circular de 9 de fevereiro de 1867).

Convém sublinhar aqui essa intuição fundamental do Ir.Luís Maria. Se a vida religiosa, em geral, não existe nos aspirantes, é sob os traços concretos do carisma próprio que os novos recrutas a conhecerão de verdade. Ora, um dos elementos essenciais do carisma é o espírito concentrado, em nosso Instituto, sobre a simplicidade evangélica.

No primeiro capítulo dos "Avisos, Lições, Sentenças", o Ir.João Batista aplica o exemplo da poda das árvores na formação dos jovens religiosos. "Aqui está a imagem fiel de um religioso que se forma conforme a regra que abraça, segundo o objetivo de sua vocação e que é formado para que o espírito do Instituto nele se personifique" (p. 19)

Somos todos sabedores das expressões que o novo Direito Canônico aplica aos noviços: "vivendi modum instituti experiantur ejusque spiritu mentem et cor informent" (646)

Eis-nos levados ao essencial: a formação ao espírito próprio da congregação. A Igreja espera de nós, especialmente hoje, que demos o exemplo da simplicidade de vida, que é o antídoto providencial contra todas as alienações da sociedade contemporânea. A disposição interior correspondente é a simplicidade de coração, nutrida pela boa vontade e a sinceridade, que nos orienta ao essencial. Fazer evitar a dicotomia entre a formação e a vida rejeitando as estruturas artificiais e mantendo-nos na autenticidade vital. Uma dose de humor, à imitação do Padre Champagnat, nos permitirá de não nos tomar muito a sério nós mesmos, nem nossos sistemas, e concentrar nossa atenção sobre as pessoas amando-as fraternalmente. Em suma, poderíamos aplicar à formação Marista a fórmula do Padre Champagnat para a educação dos jovens: estar com eles, amá-los e conduzi-los a Jesus (com a ajuda maternal de Maria).

II - OS FATORES DA FORMAÇÃO

A pessoa

Marcelino Champagnat é um homem simples cuja vitalidade se expande em nível direto da ação e da afetividade. Sua vida e atividade são fortemente polarizadas para as pessoas. A amizade, o relacionamento paternal ou frater-

nal constituem uma necessidade para sua alma ardente. Ao ler com atenção a curta circular autógrafo de 12 de agosto de 1837, fica-se surpreso ao constatar que não é o estilo administrativo que marca esse texto, mas o tom simples e afetuoso da família.

> *"Nossas férias neste ano, como no ano passado, começarão em 28 de setembro. Sejam muito exatos para chegar em primeiro de outubro para que procuremos celebrar, na capela, nossa alegria com a maior solenidade possível. Gosto de lhes escrever a respeito dessa determinação conhecendo-lhes a submissão e a docilidade.*
>
> *Como é bom, e me fornece enorme satisfação, caros filhos em Jesus e Maria, de pensar que dentro de alguns dias terei o suave prazer de dizer-lhes, ao estreitá-los nos braços...:quam bonum, quam jucundum habitare fratres in unum"...*
> *O retiro, se for possível, começará em seguida."*

Na verdade, trata-se de um convite cordial que se dirige às pessoas e em que o horário é bastante relativizado. O Superior deixa margem à iniciativa dos Irmãos e faz confiança à boa vontade deles. A perspectiva da celebração da festa do Rosário da Boa Mãe, na nova capela de l'Hermitage, constitui, aliás, um acontecimento de família que é um convite suplementar. O centro de gravidade deste texto curto parece ser o encontro caloroso do Pai com os filhos.

A correspondência do Fundador guardou os traços de sua afeição para com os filhos. No final de certas cartas escritas de Paris em 1838, achamos uma longa lista de nomes de pessoas a quem o Irmão Francisco está encarregado de transmitir saudações. Este não tendo o caráter afetuoso do superior, neglicencia o recado e atrai com isso uma pequena advertência:

> *"Não tenho necessidade de dizer-lhe quão caros me são os Irmãos que lhe citei em carta precedente, embora o senhor não faça menção alguma na resposta" (24.02.1938).*

O Padre Champagnat é homem realista. Suas relações visam diretamente as pessoas. Possui a arte de penetrar na alma dos Irmãos e de comungar com suas aspirações mais pessoais. Ao partir para Paris, tinha prometido ao Ir.Estanislau de comprar uma bela capa para a capela. Como não pode cumprir a promessa, aflige-se e escreve duas vezes ao Ir.Francisco para que explique as coisas ao Ir.Boaventura, temendo decepcionar esse bom Irmão:

"Tenho vontade de não adquir ainda a capa, se isso não aborrecer demais ao Ir. Estanislau; poderei dizer-lhe a razão de viva voz" (20.05.1938).

O impulsivo Ir.Dominique, que certa vez abandonara l'Hermitage para seguir o Pe.Courveille, foi objeto de uma benevolência particular do bom Padre em seus numerosos momentos difíceis.

"Tomo, meu caro Dominique, tomo muita parte em suas amarguras...Diga, enquanto espera, ao caro Irmão Liguori que a todos levo com muito carinho no coração, que a todos amo muito. E a você, caro Ir.Dominique, sabendo das dificuldades que tem no emprego, os combates que teve de sustentar e o apego que me demonstrou em tantos encontros..." (23.11.1834).

O jovem Ir.Silvestre fez a experiência deliciosa das atenções particulares do Bom Padre para com os Irmãos e narra sua história com muita gratidão. Depois de ano e meio de noviciado agitado, recebe finalmente, aos catorze anos, a primeira nomeação.

"Meu caro amigo, vou enviar você a Ampuis para cuidar da cozinha e ajudar o Irmão Diretor na aula. É um dos melhores estabelecimentos sob todos os pontos de vista. Quando estiver bem a par do emprego, retirarei o Irmão que irá substituir" (Memórias, pp. 278-279).
"Meus preparativos foram feitos de pressa. Em menos de meia hora, estava no quarto do V.P., carregando num saco meu pequeno enxoval. Admirem sua solicitude. Fez com prestasse conta do que levava para ver se não me faltava nada."

O Padre, em seguida, fez montar a cavalo o jovem Irmão e o encaminhou, enquanto ele o seguia a pé por caminhos mais curtos.

"Desce do cavalo, coloca-me em seu lugar, ajeita os estribos à minha altura, me dá as rédeas e me indica a maneira de governar a montaria, recomenda-me de seguir bem a estrada...Dizendo isso, encaminha o cavalo, o conduz durante alguns instantes pela rédea e parte... Não se diria ao ler essa cena que o superior desaparece para ceder lugar ao pai em relação ao inferior?"

O Ir. Silvestre encontrou o termo justo. O Fundador é um pai que tem solicitude particular para cada um dos filhos, por quem se sente amado de maneira especial. Achamos assim as condições educativas da família em que cada um pode desenvolver sua personalidade original. É assim que temos a feliz surpresa de constatar, em uma época em que se receava a liberdade, que os filhos do Padre Champagnat conservaram a personalidade própria e,

por vezes, dão prova de uma bela independência: são "iguais, livres, maiores" no dizer do poeta. É ainda o Ir.Silvestre quem fez a experiência, menos feliz dessa vez:

Em 1848, estava à testa do escolasticado que funcionava juntamente com o juvenato, em Grange-Payre, desde o ano precedente. Tinha-se empenhado em preparar os jovens Irmãos e outros menos jovens ao famoso brevê. O zelo um pouco ingênuo o impeliu a expor as composições dos Irmãos-alunos em l'Hermitage, onde acabava de passar o domingo.

"Os veteranos, sempre em último lugar, ficaram magoados...O quadro mural foi posto em pedaços e os restos foram lançados no "lugar" durante a noite de sábado para domingo. O alvoroço foi grande na casa. O Ir.João Batista chegou três dias depois. Disse que os mais antigos eram os "indisciplinados (fortes têtes)" do Instituto...Foram mandados para as casas...
Interrogado sobre esse fato, o Ir. Dominique (veterano) respondeu: "Esse prosinha, esse sujeitinho (Ir. Silvestre) fazia pouco caso de nós. Foi-lhe dada uma lição. Foi bem feito!" (Resumido dos Anais, pp. 355-356).

A Comunidade

A aspecto familial é talvez o mais característico da forma de vida religiosa instaurada pelo Padre Champagnat. Seu caráter ativo e afetuoso o orientava para isso naturalmente. Acima, citamos exemplos da paternidade ardorosa e dedicada para com os discípulos. A aliança desse amor com a simplicidade, que caracteriza os Irmãos de Maria, cria as condições para a vida familial: transparência e benevolência recíprocas. É necessário acrescentar a maternidade da Santíssima Virgem por quem os Irmãos professam devoção filial marcante. É ela o centro de unidade, mais do que o próprio Padre Champagnat:

"Estão convencidos, ao menos deveriam estar de que amo a todos ternamente. Quero, desejo ardentemente que nos amemos uns aos outros como filhos do mesmo Pai, que é Deus, e da mesma Mãe, que é a Santa Igreja. Enfim, não será dizer tudo em uma palavra, Maria é nossa mãe comum. Poderia ela ver com olhos indiferentes que conservemos alguma coisa no coração contra um dos que Maria ama mais do que nós, talvez?" (Carta ao Ir.Dénis, 05.01.1838).

O Fundador exprime seu pensamento com mais clareza ainda em artigo de regra do caderno nº 5:

"Os Irmãos de Maria terão uns para com os outros uma afeição cordial como convém aos filhos de Maria" (p. 20).

A dedicação, virtude comunitária por excelência, impele os Irmãos todos os dias, e durante o dia todo, a consagrar-se de corpo e alma à sua família religiosa, sobretudo, pela prática do trabalho manual.A isso é preciso acrescentar a vitalidade, o ardor juvenil e o bom humor que reinam em l'Hermitage. A espiritualidade do padre Champagnat, feita de transparência, de boa vontade e de abandono filial a Deus e à Boa Mãe, cria esse ambiente favorável em que as almas podem expandir-se sem limites. Cremos de bom grado o jovem Irmão Silvestre quando diz, ao regressar a l'Hermitage, depois de uma pequena tentativa numa casa:

"Acrescentarei que essa mudança fraudulenta – seu Irmão Diretor desfez-se dele pela astúcia – não me causou mágoa alguma, porque amava de todo coração a casa mãe, e ademais, essa ausência de dois meses fez-me apegar a ela ainda mais" (p. 284).

Ingressando em l'Hermitage, o candidato é recebido e como que impelido por uma comunidade fervorosa, em que todos se sentem responsáveis. O Ir. Silvestre menciona que diversos Irmãos pareciam descontes com a grande paciência do Fundador a seu respeito (p.273). Com efeito, fora dos estudos e dos exercícios religiosos em comum, os noviços eram entregues aos responsáveis pelos diversos trabalhos manuais durante boa parte do dia. Uma nota do Padre Champagnat faz pensar nas dificuldades que poderiam surgir nesse domínio:

"Os Irmãos noviços faltam de submissão, de respeito aos Irmãos mais antigos que fizeram votos?" (Caderno nº 8, p.50).

Além dos que eram diretamente responsáveis pela formação como o Irmão Luís, o Ir.Francisco, o Ir.Boaventura, a comunidade contava com verdadeiros santos, como o Ir.Estanislau, factotum do Fundador, e o Irmão Jerônimo, o condutor de veículos. Visto que este último, sendo postulante, hesitasse na vocação, o Fundador para o reter, o confiou a um Irmão empregado em trabalhos braçais.

"O Padre Champagnat fez chamar um Irmão piedoso e inteligente que estava encarregado da cozinha e lhe disse: Vou enviar-lhe um postulante que estimo muito e que possui todas as qualidades para tornar-se um bom Irmão...Vou dizer-lhe de ir à cozinha e você vai ocupá-lo e fará o possível para conquistar-lhe a confiança e decidi-lo a perseverar na vocação" (Vida, 2ª parte, cap. XVIII).

Finalmente, o Padre Champagnat conseguiu persuadir esse postulante em quem depositava muitas esperanças. Fez até retardar a tomada de hábito para dar-lhe tempo de se preparar melhor. O homem de Deus tinha-se dado conta de que esse jovem tinha o estofo de um santo. A seguir, tornou-se modelo de dedicação, retidão, simplicidade, pureza de alma e oração contínua (cf. pp.285-286).

Com a irradiação do santo Fundador, l'Hermitage era verdadeira e integralmente uma casa de formação.

O zelo

A comunidade de l'Hermitage era uma família, mas uma família essencialmente apostólica. A curta circular, já citada, de 12 de agosto de 1837 o destaca com vigor:

> *"É bem suave, a consolação de vê-los todos reunidos, não formando senão um coração e uma alma, não compondo senão uma família, apenas procurando a glória de Deus e o interesse de sua santa religião, combatendo todos sob o mesmo estandarte, o da augusta Maria".*

(Reencontramos aqui a substância da divisa da Sociedade de Maria, que o Padre Champagnat reproduz de boamente, ao mesmo tempo que traça as diretivas do dinamismo apostólico inaciano).

Se l'Hermitage é um verdadeiro mosteiro, cuja regra poderia ser resumida pela divisa beneditina tomada ao inverso "Labora et ora", toda a vida estava orientada para um objetivo apostólico: a educação cristã dos humildes. Não se faz mister dizer que isso era verdade para os noviços que estavam se preparando ativamente pela formação à oração, o treinamento à vida religiosa e à aquisição dos conhecimentos diretamente utilizáveis. Mas a comunidade é essencialmente composta de simples trabalhadores manuais cuja vida é igualmente animada pelo zelo apostólico. Sabem muito bem que o fruto de seu trabalho permite reduzir ao mínimo o tratamento dos professores e de procurar assim o benefício da educação aos humildes e aos pobres. Não havia dicotomia entre Irmãos professores e Irmãos trabalhadores manuais: todos se empenhavam nos trabalhos manuais e participavam no esforço apostólico.

A compaixão pelos pobres, os órfãos, os jovens abandonados, os doentes, é um aspecto complementar do carisma de Marcelino Champagnat. Em La Valla, começou a acolher meninos mais ou menos abandonados:

"O Irmão João Maria reuniu dois pequenos pobres". (Notas do Pe.Bourdin).

Não teve bom êxito quando se propôs anexar ao noviciado de l'Hermitage um orfanato como um centro de aprendizagem. Contudo, o cuidado pelos pobres está sempre presente no Instituto, além da educação cristã que se lhes garante, fazem-se coletas de roupas em favor dos carentes. A partir de 1833, um pequeno asilo para velhos é construído sobre o terraço da enfermaria.

A virtude do zelo, do zelo pela educação cristã dos humildes, é uma virtude primordial do Irmão Marista. Com efeito, é um movimento de compaixão pelos jovens desprovidos de meios de instrução e educação cristã verdadeiras que pôs em movimento o Bem-Aventurado Fundador. "Quanto bem podem fazer!" repetia aos discípulos (Cf. carta de 03.01.1831). O ideal seria que os jovens em formação pudessem refazer a experiência vital do Fundador e de seus primeiros discípulos, e ouvir o clamor dos pobres, dos jovens abandonados, dos órfãos...

Jesus e Maria

Nosso Bem-Aventurado Fundador era homem simples que não vivia de abstrações, mesmo teológicas, mas levava tudo ao nível da vida concreta. Ao lado do grande sentimento do bom Deus, sentia necessidade da mediação da Encarnação. Foi assim que, ao pregar no domingo da Santíssima Trindade,passa rapidamente em seu sermão para a preparação da festa do Corpo de Deus e do Sagrado Coração. Suas notas nos orientam essencialmente para a Eucaristia e a santa comunhão.

Tem-se a impressão de que as pessoas de Jesus e de Maria, que constituem o objeto habitual de sua devoção, descem verdadeiramente ao nível da existência humana e formam o seu prolongamento ideal. Habitualmente as nomeia em conjunto, Jesus e Maria formam assim uma unidade de Encarnação. É sobretudo o caso no final das cartas em que os sagrados Corações de Jesus e Maria tornam-se o lugar dos encontros espirituais.

"Deixo-vos nos sagrados Corações de Jesus e Maria; são lugares tão bons e aí nos sentimos tão bem" (23.11.1834).

Esse abandono filial a Jesus e Maria é um aspecto importante da espiritualidade do Fundador. Em 1827, escrevendo ao Pe.Cattet, vigário geral, para solicitar-lhe um colaborador, conclui assim o pedido:

"Depois de tê-lo posto a par das coisas, e como poderão virar, fico sossegado confiante no Senhor e sua santa Mãe, e sempre bendirei seus santos nomes".

É por intermédio de Jesus e Maria que o Fundador gosta de expressar sua paternidade com referência aos discípulos. Aqui vão o princípio e o fim da primeira carta que dele conservamos:

"Meus caros filhos em Jesus e Maria...
Asseguro-lhes que serei sempre com prazer e satisfação
o pai dedicado em Jesus e Maria". (01.12.1823).

Jesus e Maria são os vínculos diretos da consagração religiosa dos Irmãos. O diálogo da vestição, escrito do punho do Fundador em 1834, contém essa exortação simples e veemente:

"D - Para vocês, revestir o hábito que solicitam com insistência, é necessário morrer para o mundo... e para vocês próprios e não viver senão em Jesus e Maria.

"R - Desejamos ardentemente que Jesus e Maria sejam nosso único tudo e que todo o resto não seja mais nada".

Um pouco mais adiante lemos:

"Têm muita razão de estarem satisfeitos, porque, desde este momento, Maria se torna de maneira particular sua Boa Mãe e Jesus Cristo o Esposo da alma de vocês."

O Fundador repete de bom grado que o Instituto é obra de Maria. Na carta ao Ir.Antônio, de 4 de fevereiro de 1831, o exprime com a familiaridade que chega ao humor:

"Diga-lhe, depois que tiver feito o possível, tanto pior para ela se as coisas não andam".

A circular de 21 de agosto de 1838 expõe com riqueza essa consagração a Maria; o Fundador sempre exprime seu apego aos Irmãos na perspectiva da união com Jesus e Maria:

"Venham reunir-se e aquecer-se no santuário que os viu tornar-se filhos da mais terna das mães. É com a maior alegria que os veremos renovar no

mesmo espírito e protestar a Maria que todos querem viver e morrer sob seus auspícios, depois de ter guardado fielmente a palavra que empenharam solenemente. É na união de Jesus e Maria que meu coração, em doce expansão, vem dizer-lhes, meus caros Irmãos, quanto os amo".

Na carta a um jovem Irmão, de 20 de julho de 1839, o Padre Champagnat associa expressamente a prática dos votos a uma devoção pessoal a Jesus e Maria (ver adiante).

A carta ao postulante P.A. Labrosse, de 29 de agosto de 1831, coloca toda a vida Marista sob a égide da Santíssima Virgem.

"Fará o bem em nossa casa; Maria, nossa Boa Mãe, o protegerá, e depois de tê-la tido por primeira Superiora, a terá por Rainha no céu".

O apostolado da educação cristã está também diretamente em relação com a união pessoal a Jesus e Maria.

"Como é grande seu emprego! Como é sublime! Estão sempre com os que faziam as delícias de Jesus, porque proibia expressamente aos discípulos de impedir as crianças de virem a ele. E você, caro amigo, não apenas não quer impedir, mas faz esforços para conduzi-las a ele. Oh! como será bem recebido, por esse divino Mestre, esse Mestre liberal, que não deixa um copo de água fria sem recompensa.

Diga a suas crianças que Jesus e Maria as amam muito; as que tem bom procedimento porque se assemelham a Jesus Cristo que é infinitamente perfeito; as que não procedem bem, porque ficarão melhores. Que a Santíssima Virgem as ama porque é a Mãe de todos os que freqüentam nossas escolas". (Carta ao Ir.Bartolomeu, 21.01.1830).

O discípulo do Padre Champagnat sabe que está a serviço de Jesus e Maria e que colabora com eles na santificação dos meninos:

"Eles (os meninos) apenas têm que abrir o coração e Jesus e Maria os replenarão de favores". (04.02.1831).

É claro que temos aqui um elemento importante da espiritualidade do Padre Champagnat e seus discípulos. Perfila-se,aliás, perfeitamente na linha da simplicidade Marista. Nossa vida religiosa nutre-se do diálogo constante e afetuoso com Jesus e Maria, antes do que de elevadas considerações teológicas. Não é sempre fácil de não esquecer isso na formação dos jovens religio-

sos. E que não se invoque imediatamente a influência da Escola Francesa e dos Sulpicianos. Jesus e Maria estão sempre unidos na piedade e na linguagem dos simples fiéis. Constatamos pois, mais uma vez, que a piedade popular é uma das fontes mais importantes de nossa vida espiritual.

III - OS ASPECTOS DA FORMAÇÃO

Formação à vida religiosa

Podemos distinguir três grandes etapas no desenvolvimento da vida religiosa através da história. Os primeiros anacoretas eram essencialmente pessoas que buscavam a Deus; seu ideal poderia resumir-se pela divisa:"Deus só". Na etapa seguinte, dão-se conta que para praticar as virtudes e ser verdadeiramente cristão é necessário viver em comunidade com os outros. Vemos então surgir inúmeros mosteiros, regidos pelo grande mandamento do amor de Deus e ao próximo. Ao transpor os limites do mosteiro a caridade toma a forma de compaixão cristã para com os doentes, os pobres,as crianças, e do zelo apostólico para a conversão dos pagãos. Nos tempos modernos, a maior parte das novas congregações são animadas por um ideal de serviço apostólico que sintetiza e exprime conjuntamente o amor de Deus e do próximo.

O ideal religioso proposto por Marcelino Champagnat aos discípulos participa das três fontes que alimentam a vida consagrada, embora tenha criado sua obra diretamente para o apostolado.Possuía um alto sentido da consagração a Deus e do serviço litúrgico da oração. O nome dado pelo próprio Fundador à casa mãe representa todo um programa: l'Hermitage de Notre-Dame. Já fizemos observar que l'Hermitage era um verdadeiro mosteiro cuja vida regrada pela divisa beneditina tomada ao avesso:Labora et ora. A capela era,alías,o centro e o coração do estabelecimento, seguindo as mais autênticas tradições monásticas. A oração, o estudo, o trabalho manual sucediam-se segundo um ritmo de uma regra observada com amor, como expressão da fidelidade atual a Deus e à vocação.

Achamos a formulação dessa convição "monástica" do Fundador na carta ao vigário geral Cholleton, de 8 de setembro de 1834:

> *"Sabe melhor do eu, o peixe não pode viver muito tempo fora da água: apenas o retiro e a meditação das grandes verdades podem manter o espírito religioso".*

Essa reflexão do Fundador nos lembra que uma vida religiosa autêntica nunca pode renunciar ao abastecimento regular no recolhimento e na oração. Contudo, gonzo davida monástica, o ideal comunitário é talvez mais marcante na obra do Padre Champagnat. Homem de coração, verdadeiro pai para os Irmãos, possuía o dom de comunicar esse calor humano e sobrenatural que transforma uma comunidade em verdadeira família. A comunidade de l'Hermitage era uma dessa famílias que se deixa com pesar e na qual se retorna com saudade (Cf. acima).

Os noviços viviam mergulhados nessa "família religiosa" animada por um santo. Aliás, participavam ativamente pela oração em comum e as numerosas horas de trabalho manual ao lado desses Irmãos da comunidade. A dedicação fervorosa ao bem, em vista do apostolado junto aos pobres, era excelente meio de inserção. Porque, mau grado os aspectos monásticos, l'Hermitage de Notre-Dame era uma comunidade apostólica em que tudo era ordenado para o ideal da educação cristã dos humildes.

Aqui ainda podemos achar traços dos gostos religiosos pessoais do Fundador. Na carta de 24 de março de 1838, expressa sua admiração pelo Seminário das Missões Estrangeiras que o abriga em Paris. Encontra aí o fervor religioso, a vida fraternal, o impulso apostólico que entusiasmam:

> *"Estou alojado no Seminário das Missões Estrangeiras onde me sinto muito bem. Asseguro-lhe que se não soubesse que faço um pouco de falta em l'Hermitage, solicitaria para acabar meus dias aqui. Acompanho o regulamento da casa tanto quanto minhas saídas o permitem. Levanto-me ao som do sino, assisto à meditação e aos outros exercícios espirituais, às refeições, aos recreios... Estou sumamente edificado pela dedicação generosa dos que se destinam às missões longínquas. Que caridade amável reina entre eles! São alegres, mas sem leviandade ou dissipação. Tudo o que parece retardar a partida os inquieta, mas não os desanima".*

A admiração do Fundador pelo Seminário das Missões Estrangeiras de Paris revela, sem dúvida, a imagem ideal de uma casa de formação que trazia na alma e que tentava realizar em l'Hermitage. A formação principal do noviço consistia então em comungar dessa vida religiosa e comunitária fervorosa e desse impulso apostólico junto aos mais pobres que era a alma do estabelecimento. Quanto à formação à prática dos votos, era igualmente assegurada pela vida e pela organização da casa.

A pobreza incarnava-se no regime de vida simples e frugal, bem como no trabalho manual, ao qual se consagrava a maior parte do dia. A preocupação

com os pobres estava sempre presente em l'Hermitage pelos socorros que lhes eram prestados e pela educação cristã que se lhes levaria mais tarde.

A castidade exigente estava incluída na consagração fervorosa a Deus, destinada à educação cristã dos meninos e sobretudo pela devoção filial à Boa Mãe.

> *"A felicidade de ser filho de Maria vale bem a pena de algum combate e algum sacrifício. Diga a a Maria que a honra de sua sociedade exige que ela o conserve como um anjo" (Carta a um jovem Irmão, 20.07.1839).*

O Fundador era também exigente com a virtude da obediência, que exprimia a seus olhos toda a consagração religiosa, com sua caraterística de radicalidade.

> *"A obediência torna a alma santa, impecável e inseparável de Deus. Não haveria outra maneira de me afastar de Deus do que em me afastando da obediência. Por essa virtude, você se prepara de maneira maravilhosa a emitir os votos" (Ibid.),*

É claro que o Fundador visa aqui a obediência como cumprimento perfeito da vontade de Deus, que faz os cristãos e os santos. Expressa isso com vigor a seguir:

> *"É a Jesus e Maria que você obedece, sem isso, por toda a vida seria um mau religioso. (Ibid.) Digamos melhor, não ficaria por muito tempo religioso".*

O rigor da obediência Marista é suavizado pela referência direta a Jesus e Maria bem como por esse caráter familial importante que marca nosso relacionamento comunitário:

> *(Obedeça de bom coração"(Ibid.).*

Inteiramente implicada na vida cotidiana da casa, a obediência em l'Hermitage era também fortemente comunitária (monástica), ao mesmo tempo que apostólica, pela orientação imediata de toda a vida dos Irmãos. Assim os noviços participavam em tudo da vida da comunidade fervorosa, animada pelo Fundador em pessoa. Era provavelmente o melhor meio de embeber-se do espírito do Instituto e para entrar nesse movimento de zelo pela educação cristã dos humildes que sustentava todas as atividades dos Irmãos.

Formação à oração

O aspecto comunitário da vida religiosa foi notável desde os primórdios do Instituto. Foi, portanto, a oração comunitária fervorosa o fator principal na formação dos noviços à piedade. Aqui ainda, o Padre Champagnat arrastava os Irmãos pelo exemplo de seu fervor. Sua piedade contagiante atraía até as pessoas de fora para a capela de l'Hermitage. O Fundador tinha, aliás, um gosto pronunciado pelas celebrações litúrgicas, que eram bem ordenadas, dignas e fervorosas. A capela construída em comunidade e cuidada com amor, era verdadeiramente o coração da casa de l'Hermitage. Além da missa cotidiana, e da adoração comunitária ao Santíssimo Sacramento depois do almoço, os Irmãos faziam numerosas visitas à capela durante o dia. Era a ocasião de dirigir uma oração cordial à Santíssima Virgem.

Talvez seja o momento de destacar que a piedade do Fundador e dos discípulos tinha três orientações principais: 1° - sentido profundo de Deus, que sustém os sentimentos religiosos primordiais: adoração, fé, esperança, amor, etc. 2° - um culto privilegiado e assíduo da Eucaristia; 3° - uma devoção filial à Santíssima Virgem. (A fórmula dos "três primeiros lugares", que evoca diretamente a Escola Francesa, não encontra confirmação nos documentos diretos).

É, aliás, de supreender quão pouco o Bem-Aventurado Fundador fosse influenciado pelo ensino sulpiciano que veicula essencialemnte essa teologia. Comprende-se melhor ao pensar que o espírito prático de Marcelino Champagnat não sentisse atrativos para a especulação intelectual elevada. Pelo contrário, testemunha grande afinidade com S.Francisco de Sales, também homem de coração. Nos esboços das regras, empresta da "Introdução à Vida devota" o método de meditação, bem como os meios para assistir ativamente a missa. Esse consiste essencialmente em passar em revista a vida e a morte de Nosso Senhor, seguindo as diversas partes do santo sacrifício.

O método de meditação foi retomado pela regra impressa em 1837, e, com transformações detalhadas, foi oficialmente seguido no Instituto até às mudanças decorrentes do Vaticano II. Depois de um ato preliminar de se colocar na presença de Deus, o corpo da meditação contava reflexões, afeições ou orações, e resoluçõe. A meditação terminava por uma ato de agradecimento e o "ramalhete espiritual".

Qualquer atividade humana comporta um aprendizado e os iniciantes terão sempre necessidade de um método. Na realidade, este nunca é abandonado, mas assimilado pelo indivíduo à medida que vai amadurecendo pessoal e espiritualmente.

Por vezes, se esquece que os Irmãos Maristas não estão nas condições da vida contemplativa. Há casos em que devem fazer esforço enorme para deixar a esfera das preocupações terrestres (temporais), e criar um ambiente psicológico favorável à oração.

A meditação, como exercício sistemático era preconizado, entre outros, por São Francisco de Sales, que dirigia pessoas que viviam no mundo e por Santo Inácio de Loiola, que destinava seus religiosos ao apostolado nas condições mais difíceis.

Nessas condições, o "exercício" da meditação comporta um complemento obrigatório de vigilância sobre si mesmo e de recolhimento em meio às ocupações do dia. São Francisco de Sales preconiza o "retiro espiritual". A tradição escrita do Instituto reteve o exercício da presença de Deus na fórmula corrente do século XIX: "Deus me vê". Olhando isso de perto, percebe-se que o exercício da presença de Deus é apenas uma fórmula para designar a união com Deus e a vida interior. O título dado pelo Ir.João Batista ao capítulo V da segunda parte da Vida o sugere expressamente: "Seu recolhimento e atenção em conservar-se na presença de Deus".

O importante então é de achar o meio pessoal da união com Deus de Marcelino Champagnat e seus discípulos. Ora, achamos traços dessa oração íntima nos manuscritos do Fundador sob a forma de rabiscos nas margens. É a expressão: "Sabeis ó meu Deus", que, com suas variantes, sustém e nutre os diálogo entre a alma e Deus. É um impulso para Deus na simplicidade de coração, que oferece ao olhar do Pai celeste o momento presente com suas dificuldades. Na realidade, trata-se de um movimento de abandono filial na transparência da alma, do amor confiante e da consciência de sua própria fraqueza que caracterizam as crianças.

Estamos, portanto, em face de uma forma de infância espiritual que prolonga as raízes no discurso evangélico sobre a Providência (Mat. cap. VI).

> *"Não vos aflijais...Vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo" (VI 31-33).*

Há, portanto, uma maneira de rezar que se pode chamar Marista e que deve informar todo nosso comportamento religioso. É a simplicidade de coração da criança que se lança espontaneamente para o Pai celeste, mesmo em meio às ocupações e cuidados da vida. A transparência de alma elimina a fronteira entre o temporal e o espiritual e nos faz viver a existência terrestre

sob os olhos paternais de Deus. "Sabeis, meu Deus, em que situação me acho, conheceis minha boa vontade e pobreza; abando-me à vossa sabedoria e bondade paternais".

A devoção filial à Boa Mãe está em perfeito acordo com essa atitude espiritual. Pode-se mesmo afirmar que é a devoção a Maria que é a melhor expressão dessa infância espiritual evangélica que, em nível humano, tem suas raízes na simplicidade Marista.

Para completar o quadro da formação à oração no noviciado de l'Hermitage, é necessário mencionar as instruções que o Padre Champagnat fazia à comunidade nos tempos fortes do ciclo litúrgico e, sobretudo, no retiro anual. Essas conferências caracterizavam-se pela simplicidade, fervor e aplicação direta à vida.

O Padre Champagnat era igualmente confessor e diretor espiritual da maioria dos Irmãos. Seu equilíbrio prático e bondade paternal eram muito apreciados pelos jovens. Aqui vai a lembrança do Irmão Eutímio, que fez o noviciado no tempo do Fundador:

"O zelo do servo de Deus para formar os jovens que o bom Deus lhes confiara não tinha limites: em primeiro lugar, nos formava à piedade, às virtudes e às obrigações da vida religiosa...Tinha então apenas 14 anos e meio. Deixara no mundo o pai a quem eu queria muito, e encontrei outro na pessoa do servo de Deus.

Muitas vezes, era no santo tribunal da penitência que seu zelo se mostrava a meu respeito: apertava-me contra seu coração ardente de caridade. Não esqueci a palavra que me repetiu seguidamente: Deus lhe fez uma grande graça ao chamá-lo à vida religiosa, cabe a você corresponder-lhe..."

Nas memórias, o Ir.Silvestre traz mais precisão ao depoimento precedente:

"Era assim que com o V.Padre a sós se fazia a direção cada quinze dias, seja em confissão, seja fora do santo tribunal" (p. 264).

Embora o Padre Champagnat associasse diversos jovens padres Maristas na formação dos noviços em l'Hermitage, o trabalho fundamental cabia ao Fundador e aos discípulos imediatos: os Irs.Luís, Francisco e Boaventura.

Formação catequética e escolar.

Em l'Hermitage, a formação religiosa e espiritual dos noviços estava intimamente associada à preparação direta ao apostolado. Marcelino Champagnat era um homem de Deus marcado pelo zelo; tinha fundado os Irmãos Maristas diretamente para o apostolado da educação cristã dos humildes. Nesse começo da era moderna, as escolas cristãs repondiam a uma necessidade urgente. O tempo de formação direta estendia-se de alguns meses a um ano e comportava um programa muito intensivo. O estudo da religião estava inserido no programa global da formação do professor religioso.

Em nível de objeto dos estudo religiosos, o Padre Champagnat distingue de boa vontade a oração e o catecismo, tanto para os Irmãos como para os alunos. Isso nos deveria sugerir a importância que nosso Bem-Aventurado Fundador dava à oração no quadro da formação religiosa. No programa do dia, havia dois tempos de estudos, destinados sobretudo a aprender de cor um grande número de orações usuais, em francês e em latim.

A lição diária de catecismo era colocada no fim da tarde e durava três quartos de hora. Tiradas das tradições do seminário, foram adotadas as "domingueiras", que consistiam em espécie de concurso repetitivo sobre o programa da semana.

Por outra parte, o horário comportava dois momentos para a leitura do Evangelho e da Bíblia, além da leitura espiritual regular. Além disso, liam-se continuamente as vidas dos santos e a história dos Padres. As notas do Irmão Francisco testemunham o grande proveito que os Irmãos estudiosos podiam retirar para sua formação religiosa. Os assuntos de meditação e as conferências que ressaltavam as celebrações litúrgicas podiam igualmente completar a formação religiosa dos jovens Irmãos.

Não sei se os noviços tentavam dar lições de catecismo perante os coirmãos. É provável que tenham sido enviados aos povoados vizinhos onde pudessem exercer seu zelo em circunstâncias menos artificiais. O Irmão João Batista atesta que os Irmãos das casas, além dos catecismos dados duas ou três vezes por dia em aula iam ainda, particularmente às quintas-feiras e aos domingos, dar o catecismo nos povoados da paróquia" (Vida, 2ª parte, cap. XX, p.332).

Mas o verdadeiro adestramento dos jovens Irmãos para o ensino do catecismo e das outras matérias fazia-se no decorrer do primeiro ano de comunidade onde, além de cuidar da casa, iniciavam-se pouco a pouco ao ensino. A

seguir, assumiam eles próprios a responsabilidade de uma classe, sob a égide vigilante e paternal do Irmão Diretor.

Segundo um elemento importante da tradição Marista, o educador se forma e se treina em relação direta com as necessidades concretas do apostolado. Nisso há um selo de autencidade que elimina a preparação artificial. Aliás, a arte de catequista é mais a maneira do que a preparação doutrinal e pedagógica. A alma da catequese é a transmissão de uma fé viva e ardente; com a ausência desse impulso de zelo, as fórmulas se esvaziam de conteúdo e o ensino do catecismo apenas se torna repetição enfadonha.

Eis aqui algumas palavras recentes de João Paulo II sobre as disposições fundamentais do catequista:

> *"...uma atitude de fé e de amor, que adere à revelação e que deseja comunicá-la. O espírito de fé é essencial a toda catequese cristã...É a fé que forma a alma da catequese e inspira todo o esforço religioso...(Observador Romano, 17.01.1985).*

Marcado pelo dinamismo de vida, Marcelino Champagnat era catequista nato, que tinha o segredo da transmissão viva da doutrina da fé. Sua simplicidade e bondade achavam facilmente o caminho dos corações para comunicar-lhes as convicções ardentes de sua alma. Entregou-se à catequese desde os primeiros anos do seminário, e numerosos testemunhos afirmam que jovens e velhos escutavam de bom grado suas instruções simples e práticas.

> *"Foi do Padre Champagnat, então coadjutor em La Valla, meu lugar de nascimento, que recebi os primeiros elementos de instrução profana e religiosa. Foi ele que me preparou à primeira comunhão; e me lembrarei sempre, com felicidade, que nos conduzia duas vezes ao dia a uma capelinha solitária, afastada do povoado. Aí nos instruía, nos fazia cantar, rezar, guardar o silêncio, etc. todas coisas essas que me faziam grande impressão" (Cláudio Maria Tissot, padre).*

Os jovens Irmãos deviam, portanto, recolher de sua maneira marcada pela autenticidade, o fervor e o sentido do diálogo com o auditório. Encontram a mesma característica no catecismo dos Irmãos que lhes serviam de modelos nas casas. No dizer do Ir.João Batista, os discípulos do Padre Champagnat eram excelentes catequistas.

> *"As lições do bom Padre sobre a maneira de apresentar o catecismo, produziram frutos abundantes. Os primeiros Irmãos distinguiram-se todos pelo zelo na instrução cristã das crianças e por um talento especial em formá-las à virtude.*

Em certa paróquia, uma mãe de família que se tinha recusado de enviar os filhos na escola dos Irmãos, pela razão que esses eram muito jovens, veio um dia encontrar o vigário e lhe disse:"Embora os Irmãos sejam apenas rapazes, é preciso confessar que dão admiravelmente o catecismo...Estou, por isso, decidida a conduzir desde amanhã meus três filhos na escola dos Irmãos" (Vida, 2ª parte, Cap. XXIII, p. 383).

Os jovens Irmãos recolhiam, assim, o zelo ardente do Fundador para a catequização dos meninos que soube transmitir tão bem aos primeiros Irmãos. Aqui vai a exortação que dirige ao jovem Irmão Eutímio que inicia os primeiros passos no apostolado:

"Pense também como é importante seu curso infantil, depende de você formar à religião todas as crianças sob seus cuidados; depende de você abrir-lhes ou fechar-lhes o céu. Vise portanto, caro amigo, a edificá-los, a rezar por eles, a imprimir fortemente a obra de Deus em seu jovem coração". (19 de março de 1837).

Contudo, na lógica de uma preparação imediata ao apostolado da educação cristã, as matérias essenciais do ensino primário alternavam, no noviciado, com os exercícios religiosos, o estudo da doutrina cristã e o trabalho manual.

Quando os jovens chegavam ao noviciado em boas condições, sabiam passavelmente " ler e escrever", segundo a expressão da Regra de 1837. Era necessário, portanto, assegurar-lhes as bases do ensino primário pelo treino diligente da leitura, escrita, gramática, ortografia e cálculo. Completar-se-á essa iniciação com o estudo pessoal, segundo as exigências do ensino público em via de organização.

A lição de canto tinha também seu lugar no horário do dia. Destinado, antes de tudo, à animação da oração e da catequese, o canto trazia uma nota de sã alegria no programa então austero do ensino primário.

No que se refere ao método pedagógico global dos discípulos do Padre Champagnat caracteriza-se por uma expressão que achamos na carta de 1° de dezembro de 1823, a primeira do Fundador que nos chegou:

"A vida em Tarentaise também vai bem. As crianças dizem que o Irmão Lourenço era bom menino, mas que este (o sucessor) é ainda mais".

A simplicidade e a bondade que contém a expressão "bom menino" criam um ambiente de família, em que as relações são autênticas, repletas de

transparência fraterna e benevolente. Temos então as condições ideais para a eficácia global da educação cristã Marista que podemos resumir por uma fórmula tirada da carta de 21 de janeiro de 1830 ao Ir.Bartolomeu: estar com as crianças, amá-las, conduzi-las a Jesus (com a ajuda maternal de Maria).

Formação aos trabalhos manuais

No noviciado de l'Hermitage, o programa diário compreendia o trabalho manual e o estudo na mesma proporção: 5 - 6 horas. Essa particularidade, que escandalizava os confrades do Padre Champagnat, é dos traços mais característicos de seu método de formação. Esse fundador de um instituto ensinante, forma os candidatos, desde o primeiro dia, a diversos trabalhos e ofícios manuais. Compreende-se melhor, quando se sabe que o Padre Champagnat destina seus Irmãos, antes de tudo, às comunas pobres em que as crianças freqüentam a escola apenas no inverno, entregues ao trabalho na estações mais agradáveis. É então normal que os futuros mestres se preparem ao mesmo ritmo de vida. Serão professores-trabalhadores.

Entre as condições requeridas para ingressar no Instituto, o Fundador sublinha o amor ao trabalho. Faz notar ao postulante que não se deve imaginar que apenas tem que rezar: com os Irmãos Maristas, será necessário trabalhar. Terá ocasião de certificar-se disso na prática diária.

No esboço das regras remontando a 1830, achamos um capítulo importante sobre o trabalho manual e a maneira de o santificar. Talvez seja o texto mais pessoal do Fundador em todas as tentativas de regras. O trabalho é regulamentado como uma liturgia e presidido por dois responsáveis. Enquadra-se na obediência exata, espírito de pobreza e mortificação. Não se deve assentar no chão durante o trabalho (nos campos), mas contentar-se em descansar um instante conservando-se de pé. Porque os Irmãos devem trabalhar no recolhimento (lembrado pela oração da hora), em silêncio, em espírito de penitência.

O jovem que entrava nesse regime de vida era, sem dúvida, levado a pensar que em l'Hermitage levavam-se as coisas a sério. Os que buscassem vida mais fácil, como os que ambicionassem promoção social pela instrução, eram bem depressa desanimados. Também o Padre Champagnat tinha razão em julgar os candidatos, antes de tudo, pela dedicação. Com efeito, além da renúncia ao egoísmo, o trabalho manual exigente e muitas vezes penoso, requeria o dom total de si a serviço da comunidade e da família religiosa. Mais particularmente, fazia entrar concretamente no espírito de humildade e sim-

plicidade próprias da vocação Marista, exercitando à tenacidade, indispensável ao início do trabalho de instrutor do povo.

Os fundadores contemporâneos insistem no trabalho manual, porque hoje descobriu-se a importância do exercício corporal. O envolvimento do corpo é uma garantia de autenticidade, virtude diretamente ligada à simplicidade e ao espírito Marista. O amor ao trabalho inscrito no próprio ser do Irmão Marista, como religioso leigo, o mantém próximo da condição comum dos cristãos que devem conciliar as preocupações temporais com as exigências da vida espiritual.

IV - ETAPAS DA FORMAÇÃO

Juvenato

Nos primórdios do Instituto, o Fundador admitia os candidatos sem dar muita importância à idade. O futuro Ir.Francisco entra em La Valla aos dez anos, e mais tarde, o Ir.Silvestre aos doze anos. Contudo, a maioria dos postulantes recebidos pelo Padre Champagnat têm vinte anos. A Regra de 1837 fixa a idade de entrada na Congregação entre quinze e trinta anos.

O Ir.Silvestre evoca em suas memórias como suas estroinices colocaram à prova a paciência do bom Padre e, sobretudo, a dos "veteranos" de l'Hermitage. Dado que o domínio de La Grande-Payre estivesse disponível, instalou-se aí um pré-juvenato em 1837 ou 1838. Um texto, que é talvez o primeiro projeto da circular de 21 de agosto de 1838, nos fornece a informação seguinte:

> *"Depois de ter organizado um estabelecimento na Grange-Payre, em favor dos postulantes que não atingiram a idade de treze anos, podem trazer os que acharem bem dispostos. A pensão é de cem escudos por ano".*

É o Ir.Cassiano que está encarregado da casa, enquanto seu companheiro, o Ir.Arsênio, assume a exploração da propriedade.

Um sobrinho do Padre Champagnat encontra-se na Grange-Payre em 1838. Trata-se do filho de João Bartolomeu Champagnat, que toma o hábito em l'Hermitage na idade de doze anos, e se tornará um santo religioso sob o nome de Ir.Régis. O Pe.Champagnat o menciona na carta de 12 de agosto de 1838 a outro sobrinho, o Ir.Teodoreto:

"Seu irmãozinho está na Grange-Payre, bem satisfeito".

O bom Padre que gostava muito dos meninos, reservou uma de suas últimas visitas a esse juvenato próximo de l'Hermitage. Foi lá na quinta-feira santa de 1840 para dizer a missa e fazer uma exortação aos juvenistas e pensionistas (Cf. 1ª parte, cap. XXI, p.271).

Quanto à orientação da educação dada aos juvenistas, ela responde, sem dúvida, aos traços fundamentais da pedagogia Marista asssinalada mais acima. Eis o conselho que o Ir.Luís Maria dará mais tarde a um Irmão Recrutador:

"Fortifique os juvenistas na piedade, franqueza e amor ao trabalho. Retorne sem cessar sobre as grandes verdades da religião" (Citado por A.Lanfrey, Uma Congregação Ensinante: os Irmãos Maristas de 1850 a 1904, 1979, p.217).

Noviciado

Muitos aspectos da formação mencionada durante este trabalho relacionam-se mais ou menos diretamente com o noviciado. Nesta secção, gostaria de tratar do assunto de modo mais sistemático.

Em princípio, o Padre Champagnat não se mostra difícil à admissão ao noviciado, e o Padre Courveille o adverte por isso. Na carta ao Ir. João Maria Granjon, de 1º de dezembro de 1823, o Fundador ilustra sua atitude com tanto humor como espírito sobrenatural:

"Apresentam-se também muitos noviços, mas quase todos pobres e jovens. Contudo três têm a idade da razão porque já completaram trinta anos. Um é homem de negócios, o outro, sapateiro e o terceiro, homemde nada; mas é com homens de nada que Deus faz grandes coisas".

Sabemos que o Fundador admitiu no Instituto até um dos velhinhos recebidos no asilo construído em 1833. Era sapateiro por profissão, e sob o nome de Ir.Espiridião, contribuiu ao espírito de simplicidade e ao bom humor nos recreios da casa mãe (Cf. Resumo dos Anais, pp 202-203). O Padre Champagnat tinha um princípio que lhe permitia reduzir todos os elementos do problema da seleção ao mesmo denominador comum. Ele o expressa na resposta, já citada, ao futuro Ir.Luís Maria, que se informa das condições de admissão ao Instituto:

"A grande e, posso dizer, única condição que é necessária para entrar em nossa casa, com a saúde, é a boa vontade e o desejo sincero de agradar a Deus" (29.08.1831).

Essa exigência da boa vontade total, na aparência benigna, na realidade coloca o candidato em face da perfeição evangélica e radical da vida religiosa. O Padre Champagnat exprime seu pensamento com mais detalhes ao apresentar três postulantes à Superiora das Irmãs Maristas:

"Se elas não podem levar tudo o que desejariam, do lado das riquezas, levam pelo menos a boa vontade de fazer tudo o que puder exigir delas. Disse a elas que se não tivessem renúncia perfeita a si próprias, submissão à toda prova, grande abertura de coração, vocação perseverante e verdadeiro desejo de amar a Deus à imitação de Maria, que não fossem além em sua determinação; responderam-me que eram esses seus sentimentos e desejos da alma. Disse-lhes que a senhora guardaria essa carta para lembrar as promessas no tempo e lugar devidos; disseram-me que estavam dispostas e assinariam com o próprio sangue, se fosse necessário" (Agosto de 1832).

Paradoxalmente, são os candidatos melhor preparados humanamente que estão mais expostos a não satisfazer a condição fundamental do Fundador. Se P.A. Labrosse submeteu-se rapidamente à influência do Padre Champagnat e desposou o espírito de simplicidade da Congregação, outros candidatos vindos do seminário, não souberam vencer as provas de desisteresse e obediência total às quais os submetia o homem de Deus. (Cf. o caso Roumesy citado acima).

Os candidatos que se apresentavam em condições menos vantajosas não escapavam também ao exame de ingresso. Aqui a pesquisa do Fundador visava antes de tudo detectar verdadeiro desinteresse próprio. Aprecia particularmente os jovens que fazem o sacrifício do fruto de seu trabalho ao entrar na vida religiosa:

"Diz-se de ter consideração por aquele que paga através do que poupou ou se não tendo nada, cuidou do pai ou da mãe" (29.03.1835).

O Fundador não quer os que consideram a vida religiosa como refúgio contra as dificuldades da vida:

"Não se terá colocado na cabeça que terá de trabalhar menos na religião do que no mundo? Que estará mais à vontade? Que apenas terá que rezar, ouvir missa, etc." (Ibid.).

Constatamos aqui que nas perspectivas do Padre Champagnat, não havia lugar para os cônegos...

Contudo, o leque da diversidade era bastante grande para os postulantes. Como a maioria das ordens religiosas tinham sido supressas, certo número de candidatos apresentavam-se no noviciado dos Irmãos, que em outras circunstâncias teriam sido orientados para a vida religiosa contemplativa ou sacerdotal.

O fato está ilustrado pelos primeiros recrutamentos do Fundador. João Maria não pôde desfazer-se da veleidades da vida contemplativa, apesar da experiência infeliz que o fez regressar junto ao Padre Champagnat uma primeira vez. Por sua vez, o Ir.Luís quase sucumbiu à "tentação" do sacerdócio. O próprio Padre Courveille, não achando l'Hermitage bastante austero e perfeito, acabará com os beneditinos, após alguns avatares, conforme sabemos...

No conjunto, as circunstâncias históricas favoreceram a riqueza e a variedade das disposições pessoais dos vocacionados. Vimos que o próprio Fundador era sensível às aspirações monásticas fundamentais, ao mesmo tempo que associava um dinamismo apostólico pronunciado (Cf. carta de 24.03.1838). L'Hermitage de Notre-Dame era um verdadeiro mosteiro e os numerosos trabalhadores manuais que aí se santificaram no Instituto não se sentiriam estranhos no gênero de vida e espiritualidade dos Pequenos Irmãos de Jesus.

A propósito do pluralismo e da abertura, apenas podemos admirar o desinteresse do bom Padre:

> *"Se o postulante solicitar conselho a respeito do Instituto que deve abraçar, é preciso propor-lhe outro que mereça sua confiança, antes que o nosso" (29.03.1835).*

Na seqüência do texto, expressa ao mesmo tempo sua humildade profunda e a identificação de seu Instituto com a "Obra de Maria".

> *"Se, no entanto, demonstra predileção pela Sociedade de Maria, por causa de nossa Padroeira, é necessário acolhê-lo, mostrando-lhe como ele faz bem em depositar sua confiança na Mãe de Deus" (Ibid.).*

O capítulo VII da segunda parte da Vida ilustra por diversos exemplos que

> *"A devoção a Maria, o desejo de honrá-la, servi-la e viver sob sua proteção eram para o Fundador marca de vocação".*

O Ir. Silvestre lembra bem a cena de sua recepção pelo Padre Champagnat:

"Depois de nos ter convidado para tomar assento, bem polidamente, mas sem afetação, fez-nos, a mim e a meu companheiro, diversas perguntas, indagando-nos qual era o objetivo que nos levava à vida religiosa, se tínhamos deixado nossa vontade própria na porta do convento, se amávamos muito a Santíssima Virgem..." (Memórias, p.263).

Já vimos que o amor ao trabalho e a dedicação constituíam condição fundamental para a admissão definitiva no Instituto. O Fundador a exprimiu claramente nos esboços da Regra e o Capítulo Geral de 1852 o insere no primeiro artigo do capítulo XI das novas Regras intitulado "Da atividade e amor ao trabalho".

Entre os motivos de exclusão, além dos casos evidentemente justificados por causas morais, citamos o apego exagerado aos pais e as maneiras mundanas. Cristo exorta deixar tudo a todo aquele que quiser segui-lo e a vocação religiosa é também escolha de vida. Contudo, o Padre Champagnat era muito humano. Sabemos que recolheu em l'Hermitage os pais do Ir.Liguori e aí findaram seus dias. Sabemos também que um dos irmãos do Fundador, João Pedro, depois de bancarrota e doença, encontra refúgio em l'Hermitage. Foi enterrado no cemitério da comunidade, assim como três de seus filhos.

Há casos de apego exagerado aos pais; todavia, o Ir. João Batista cai ele próprio no excesso oposto ao ceder a suas preocupações de superior. Apresentamos aqui a lembrança do Ir.Daciano, na idade de 16 anos noviço em l'Hermitage. Com a notícia da doença da mãe, o Padre Champagnat, no início, não julga oportuno deixá-lo ir para casa.

"No entanto, não podendo mais dominar minha tristeza, o Padre foi avisado por um dos antigos. No dia seguinte chamou-me e disse-me: Vejo que gosta muito da mãe. Vá vê-la e regresse dentro de três dias" (Processo informativo).

Por outro lado, compreendemos bem o afastamento de um postulante que se obstinava em conservar suas maneiras mundanas no ambiente religioso em que a lei é a simplicdade. (Cf. Vida, 2ª parte. Cap. XVI).

O Fundador sabia evidentemente discernir as vocações de escol, retê-las e formá-las com atenção particular. Recorreu a todos os meios imagináveis para reter um postulante desanimado pela conversa fora de propósito de um noviço. Vencido finalmente pela perseverança do bom Padre, esse jovem tornar-se-á modelo das virtudes Maristas e morrerá como um santo. Trata-se do Ir.Jerônimo, cuja história, já citada, constitui um dos exemplos contados pelo Ir.João Batista no capítulo XVIII da 2ª parte da Vida, justamente intitulado "O que fazia para conservar os Irmãos na vocação".

O Bem-Aventurado Fundador discerniu igualmente as qualidades de alma do jovem Ir.Boaventura a quem não hesitou de confiar o encargo de mestre de noviços, apesar de sua pouca instrução.

Na biografia do Ir. João Pedro nos é relatado que o Padre Champagnat encarregou-se ele próprio da formação desse jovem. O resultado? Um santo. Foi também provavelmente o caso do estudante de teologia P.A. Labrosse que o Fundador transformou em excelente Pequeno Irmão de Maria em menos de três meses.

O mérito do Fundador porém foi de transformar em bom religioso o menino abandonado que foi João Batista Berne, ou um seminarista impossível como João Cholleton, morto "em odor de santidade" (O Pe. Bourdin escreveu-lhe a biografia).

O noviciado de l'Hermitage era um centro de formação intensiva e por isso mesmo apresentava muitos desafios. Para compreender melhor as exigências do programa, é necessário situar-se no quadro do lugar e da época. A vida era muito dura nos meios populares de que provinham os candidatos. A gente vivia na pobreza, submetida a trabalhos extenuantes. Não teria sido bom nem prudente criar em volta do noviciado a reputação de vida fácil. Aliás, os candidatos deviam estar preparados à existência muito dura dos professores, nesses tempos heróicos da escola popular. A gente pode até surpreender-se, ao ler os depoimentos, como as pessoas simples eram levadas a admirar a austeridade e a mortificação na pessoa de um santo como o Padre Champagnat.

Um quadro dos exercícios do dia, que se encontra no caderno nº 6 do Padre Champagnat, e que deve remontar ao ano de 1833, nos dá uma idéia do ritmo intenso da vida do noviciado. Entre o levantar às quatro horas e o deitar às oito horas e meia,havia pouco espaço para os lazeres, (fora do trabalho manual): um quarto de hora de recreio após o almoço e meia hora depois do jantar.

No início do dia, orações, leitura, estudo até às nove horas, com um quarto de hora de interrupção para o café. Das nove às onze horas e três quartos: trabalhos manuais, que retomavam à uma hora, após a interrupção do almoço, até às três horas (ou três horas e meia). Nesse momento recomeça o programa da leitura, estudo e orações da tarde, até à hora da janta, às sete horas e meia.

Além dos exercícios de piedade, o tempo é pouco mais pouco menos repartido entre o estudo e o trabalho manual e evoca espontaneamente o famoso "Ora et labora" dos mosteiros beneditinos.

A atenção pode ser atraída talvez pelo fato de que o programa compreende dois momentos cada dia, manhã e tarde, para a revisão e a explicação do método da meditação. Testemunha a importância que o Fundador dava ao aprendizado sistemático da meditação que chamava "os dois olhos da vida religiosa" (Notas do Ir.Francisco).

É necessário observar igualmente dois bons momentos cosagrados à leitura da Escritura. Lêem-se o Evangelho de manhã, "A Bíblia" de tarde, (além da leitura espiritual normal). Se o exame de consciência comunitário, que precedia a refeição do meio dia, era uma herança do seminário, a culpa cotidiana, no fim do dia, era prática nitidamente monástica. Feitos com simplicidade de coração, esses dois exercícios podiam contribuir eficazmente a manter o fervor e a reparar as negligências e os atritos da vida comunitária.

Um regulamento apenas vale pelo impulso interior que o vivifica e o torna instrumento de santificação. Em l'Hermitage, os exemplos do Padre Champagnat, do Ir.Francisco e nossos primeiros Irmãos constituíam uma realidade vivificante capaz de encarnar e ao mesmo tempo relativizar o regulamento.

Hoje vivemos em outras circunstâncias históricas e outra mentalidade. Mas o noviciado permanece um tempo de prova e de formação. Nada senão um ideal pode catalisar a boa vontade dos jovens e colocá-los em face de uma escolha responsável. Quanto ao trabalho manual, que atraíu tantas críticas ao Padre Champagnat, foi adotado por certos fundadores contemporâneos como fator eficaz para a formação pessoal, comunitária e mesmo apostólica.

Se o programa de formação em l'Hermitage podia ser considerado mais como monástico, era bem completado por um segundo período nitidamente apostólico. Com efeito, o segundo ano de noviciado fazia-se nas casas, portanto, em condições bastante diferentes. O Fundador se expressa claramente na carta já citada de 29.03.1835:

"O noviciado é de dois anos, do qual uma parte é feita em um estabelecimento da Sociedade para exercitar-se, seja a lecionar, seja a cuidar da cozinha e, com isso, dar provas de vocação verdadeira."

O Padre Champagnat que é "mestre" em construir, sabe que deve-se julgar o artífice segundo a perfeição da obra que executa.

O Irmão Luís Maria diz o mesmo em linguagem mais abundante:

"Disso resulta que os jovens Irmãos chegam às casas...preparados, antes do que formados, para tudo o que se lhes pedir.

... que não se diga que deveria ser de outro modo, que se deveria instrui-los mais, torná-los mais experientes, mais solidamente formados...Isso não é possível, sobretudo pela necessidade em que se está de treiná-los no segundo ano de provação, para colocá-los em face de ver se o estado de vida lhes convém e para que os superiores possam julgar se convêm ao estado. Esse ensaio, adotado em todas as constituições e aprovado pela Santa Sé, é exigido pelo interesse dos candidatos bem como o das congregações" (cir, vol III, pp.344-345).

Aliás, a responsabilidade da cozinha e o aprendizado do ensino estão longe de se excluirem mutuamente. A tradição Marista associa facilmente a execução de diversas tarefas práticas com as exigência do ensino. A regra manuscrita de Saint-Sauveur, cuja última revisão remonta por volta de 1834, faz um dever ao jovem cozinheiro de iniciar-se ao ensino:

"O Irmão Reitor, terá o cuidado que o Ir.cozinheiro assista às aulas" (p.9).

Compreende-se a sobrecarga de responsabilidade dos Irmãos diretores que já suportam o peso do ensino, da direção da escola e da comunidade, ao ler as reflexões do Ir.Luís Maria:

"Todo o trabalho do noviciado será como sem resultado, se não for sustentado e continuado pelos Irmãos diretores" (Cir., vol.III, p.340).
"...Que cuidados e atenção não devem ter (à formação) os Irmãos diretores, porque lhes cabe em sua quase totalidade e que apenas pode ser começada, esboçada, por assim dizer no noviciado?" (Ibid).

Contudo, ninguém pode pretender o heroísmo a jato. É evidente a necessidade de continuar a formação do noviciado nas condições mais próximas da vida real que justifica a organização do escolasticado, mais ainda do que a obtenção dos diplomas necessários ao ensino.

Escolasticado

Vimos que, no início, os estudos profanos estavam intimamante interligados com a formação religiosa e catequética no noviciado. Contudo, podemos recolher indícios da presença de Irmãos estudantes em l'Hermitage já no tempo do Fundador. Um horário do dia, datando pelo ano de 1833, traz esta menção:

"Os que foram escolhidos para se instruir entram na sala de aula e começam a estudar a gramática..."

O contexto não permite decidir se se trata de Irmãos estudantes ou simplesmente de um grupo de noviços.

O jovem Ir.Silvestre conta, por sua vez, que, após uma tentativa infeliz em Ampuis, regressou de boa vontade a seu ateliê em l'Hermitage. Mas o Padre Champagnat quis animá-lo e dar-lhe uma marca de confiança ao encarregá-lo igualmente de dar lições aos Irmãos estudantes. (Em 1833, o jovem "professor" tinha apenas catorze anos).

Depois de 28 de junho de 1833, data da promulgação da lei Guizot, o brevê era obrigatório para os professores. O Irmão Dominique se inquieta em Charlieu e quer ir a l'Hermitage, sem dúvida, para preparar esse exame que condiciona uma carreira. O Bem-Aventurado Fundador convida-o a submeter seu desejo às exigências da Congregação e às disposições da Providência:

> *"Desejo que você se forme bem, sem contudo querer outra coisa do que Deus quer. Em tudo o que puder causar-lhe pena digamos sempre que a santa vontade de Deus se faça".(Carta, 06.03.1834).*

Pode-se supor que nessa época houvesse em Hermitage grupos mais ou menos regulares de Irmãos que procuravam ampliar seus conhecimentos profissionais, sobretudo, em vista dos diplomas oficiais requeridos. O Ir.Francisco, secretário do Padre Champagnat, e estudioso fervoroso, teve, sem dúvida, um papel importante a desempenhar na organização e serviço a esses grupos de reciclagem.

A partir de 1848, é um escolasticado regular que funciona em Grand-Payre, em lugar do pensionato. Com seu juvenato e escolasticado, essa "casa de formação" funcionará como um complemento de l'Hermitage até 1853. Esse escolasticado ou "curso para o brevê", compunha-se de jovens Irmãos mais antigos e em reciclagem que o Ir.João Batista denomina os "fortes têtes" (indisciplinados) Instituto. Depois da malograda aventura tragicômica do Ir.Silvestre, responsável pelo grupo, o Ir.Francisco redigiu as regras para o escolasticado. Estão reproduzidas no Boletim do Instituto (Tomo XXIII, pp. 671-672).

O autor recorda que o objetivo do estudo é a glória de Deus e a salvação das almas. Nessa ótica, os Irmãos estudarão com diligência, sobretudo o catecismo, e santificarão seu trabalho pela prática das orações jaculatórias. A seguir, recomenda o estudo metódico, o cuidado na caligrafia e na manutenção dos cadernos. Não pode omitir de recordar o respeito aos mestres, a docilidade, a disciplina, o silêncio. Enfim, anima os menos prendados para que insis-

tam no valor da boa vontade, pondo em guarda contra a vaidade os que mais sucesso têm nos estudos.

Mais tarde, no tempo do Ir.Luís Maria e do Ir.Nestor, o escolasticado assumirá importância cada vez maior, devido aos progressos no ensino e às exigências dos diplomas oficiais que se tornam armas temíveis na luta contra o ensino congregacionista.

A tradição Marista conservou com obstinação a atitude pragmática do Fundador no tocante à formação intelectual e profissional. (Primum vivere, deinde philosophari). Em nossa família religiosa, a prioridade estave sempre de acordo com a exigências da vida religiosa, marcada pela simplicidade e a ação apostólica. A conquista dos diplomas oficiais era regulamentada pelas necessidades diretas da educação cristã através da escola.

Formação permanente

Assim, a formação permanente, que responde às necessidades imediatas e se adapta às circunstâncias, arraigou-se na vida dos Irmãos Maristas. Uma situação de pobreza intelectual inicial contribuiu para desenvolver o amor ao trabalho e essa diligência constante que sabe aproveitar todos os instantes possíveis. "É essencial que não percamos tempo", diz o Padre Champagnat na carta de 12.03.1838. O Ir.Lourenço afirma, aliás, que o Fundador era inimigo declarado dos preguiçosos. A necessidade da formação contínua faz evitar a ociosidade, tida em horror por Champagnat, formou mestres laboriosos, que serão modelos e educadores dos filhos da gente comum. Esse sistema produziu self-made-men notáveis, desde os primórdios, como o Ir.Francisco e o Ir.João Batista.

Na época do Fundador, o tempo forte da formação contínua para os Irmãos era o mês de férias passado em Hermitage. O Padre Champagnat fazia questão de ter todos os Irmãos junto a si a fim de poder continuar sua formação, valendo-se da experiência direta tomada do ano escolar precedente. Eis como descreve a um vigário que pretendia conservar os Irmãos na paróquia:

> *"Temos necessidade, neste curto mês, de ter nossos Irmãos conosco, a fim de examinar juntos os cursos, os êxitos de cada estabelecimento. Temos que fazer um exame geral, uma infinidade de coisas a regulamentar, o que não pode ser feito senão com a presença de todos" (setembro 1834).*

Assim, todos os Irmãos participam do exame em detalhe da situação do Instituto e à elaboração da estratégia do novo ano escolar. Não existe melhor formação que a fornecida pelo contacto direto com a realidade.

Além do retiro, onde fazia uma conferência cada dia pelo menos, o Fundador explicava regularmente as regras do Instituto e continuava a formação pedagógica e profissional de seus Irmãos. O Irmão João Batista afirma que se poderia compor um volume a partir da lições práticas e dos conselhos judiciosos prodigalizados pelo Padre Champagnat:

"Dava-lhes lições de leitura, ortografia, artimética, história, geografia e canto. Muitas vezes sucedia que até empregava o tempo do recreio para formá-los a algumas dessas disciplinas. Não contente em iniciá-los a esses diversos conhecimentos, ensinava-lhes ainda a transmiti-los e os formava ao método do ensino" (Vida, 2ª parte, cap. XXII, pp.355-356).

A diligência dos Irmãos era sustentada através do ano escolar inteiro pelos meios habituais da emulação:

"Além da formação religiosa e das lições ministradas durante as férias, estabelecera concursos entre os Irmãos e também entre os alunos dos diversos estabelecimentos" (Depoimento do Ir. Eutímio).

Este testemunho é confirmado por uma nota do Fundador, que foi provavelmente objeto de uma aviso prático dado durante as férias:

"O Grande Reitor fará com que os meninos dos outros lugares de seu cantão apresentem composições" (Caderno nº 8, p.61).

Além disso, indo a l'Hermitage, os Irmãos deviam poder exibir provas de sua aplicação e do progresso dos alunos.

"Ao chegar à casa para as férias, cada Irmão trará dez modelos (de caligrafia). Ninguém está dispensado dessa regra sem permissão.
Todos os anos, na mesma época, deverá ser trazida uma folha na qual cada menino terá escrito segundo a capacidade, na entrada e saída..." (Regra de 1837, p. 63). (Cf. também Vida, 2ª parte, cap. —, pp. 354-355).

Marcelino Champagnat sabe muito bem que nada substitui os contactos diretos e as relações pessoais na educação. É assim que liga a maior importância à visita aos estabelecimentos, à qual se dedica apesar da fadiga e das numerosas ocupações. Eis o que escreve a Mons.Barou, vigário geral, em maio de 1827:

"Todos estão de acordo que é de suma importância a boa formação da juventude. É por isso muito importante que os que trabalham nessa obra ex-

celente, sejam bem formados, e que não sejam abandonados a si próprios depois de enviados".

Em carta semelhante a outro vigário geral, Mons.Cattet, o Fundador expõe com clareza os objetivos principais de suas visitas. Como homem prático, sua vigilância é sobretudo a respeito da castidade, regularidade e zelo dos Irmãos: é, com efeito, a fidelidade a esses pontos vitais que mantém os Irmãos no "espírito de seu estado":

Apesar da grande afeição que tinha para com os Irmãos e a alegria que experimentava ao encontrá-los pessoalmente, o Fundador teve que descarregar-se de uma parte dessas visitas quando a Congregação se desenvolveu. Muitas vezes valeu-se da contribuição inteligente e enérgica do Ir. João Batista, confiando-lhe missões delicadas.

A Regra de 1837 contém uma secção especial sobre o irmão visitador (p. 33). Mas o controle detalhado é confiado ao Irmão "primeiro diretor" que é o chefe do distrito. (Substitui o "grande reitor" dos esboços precedentes).

"Em cada distrito é o Irmão primeiro diretor que está encarregado de zelar pelos Irmãos que aí trabalham".

Além da vida religiosa, o primeiro diretor deve estender sua vigilância sobre a vida profissional e apostólica dos Irmãos.

"18. Cada três meses, e mais vezes se necessário, o Irmão primeiro diretor deve escolher um dia em que possa ver os alunos do estabelecimento que visita.
"19. Verá de que maneira os Irmãos dão aula, se tudo está em ordem, se o catecismo é bem apreendido, se a caligrafia é bem cuidada, se os cadernos são apresentáveis" (Ibid., pp.31-32).

Pelo fim da vida do Fundador, a primeira equipe de Irmãos Superiores institui "conferências" periódicas. Trata-se de reuniões culturais versando sobre um programa que cada um deve preparar:exposições, discussões, correção de trabalhos. Acima de tudo, acentuando os estudos religiosos, a circular de janeiro de 1840 fornece o programa detalhado de catecismo, gramática, aritmética, mais um assunto de composição francesa e um problema de matemática.

A exortação que enquadra o program anima o estudo, não sem apreensão marcada contra os excessos que pode comportar.

"São-nos necessários, antes de tudo, os conhecimentos santos ou santificados pela caridade que edificam e nutrem a piedade. Longe de nós essa ciência puramente profana que o orgulho ambiciona e que infla o coração!

Em primeiro lugar, serão bons catequistas, mas procurarão também tornar-se professores hábeis...Com a única intenção de agradar a Deus, vão redobrar de ardor no estudo próprio a um bom Irmão de Maria, e vão prepara-se a responder convenientemente a respeito das disciplinas que lhes serão propostas" (Circ. vol I, pp.32-33).

Conclusão

O texto curto que me tinha proposto no começo deste trabalho alongou-se notavelmente à medida que foi sendo desenvolvido. Isso comprova que a comissão de formação tinha razão ao fazer empreender o estudo deste tema, à primeira vista um pouco árido. Se esta tentativa não foi de mestre, abre perspectivas em domínio tão importante.

Ao retornar ao ponto de partida, lembremos o postulado de economia da tradição Marista. Em princípio, nós estamos destinados à educação cristã dos humildes; por conseqüência, o objetivo da formação não é de criar, por estudos sem fim, uma aristocracia intelectual. Nossa preparação, desde os tempos do Fundador, sempre visou a utilidade apostólica direta,derivando daí o dinamismo. Nessas condições, é fácil de enxertar a formação na boa vontade fervorosa, terreno ideal que faz frutificar a semente. Por outra, uma boa iniciação, deve permitir adaptar-se, pela formação contínua, às novas necessidades da atividade apostólica.

Conservar a todo custo a simplicidade do Fundador, que vai diretamente ao essencial e afaste assim a rotina das instituições acometidas de esterilidade. Evitemos essa formação - hibernação - em que se passam os mais belos anos da juventude voltados sobre si, sem contacto com os jovens, os pobres e os problemas do apostolado. Isso supõe, evidentemente, que a localização das casas de formação e a organização dos programas permitam verdadeira iniciação ao leque de atividades apostólicas da Congregação. Em todo caso, é sempre possível interromper o ciclo de estudos para consagrar um tempo a uma vida integralmente engajada no apostolado.

Para evitar a esterilidade e a ineficácia, a formação dos jovens religiosos deve ser animada pelo ideal apostólico sempre presente. João Paulo II o expressa com veemência em sua alocução de 28 de janeiro de 1985 aos padres e

religiosos da Venezuela. Aqui vão algumas palavras que o Santo Padre dirigiu diretamente aos noviços e seminaristas:

> *"Não tenham medo, formem-se bem, intelectual e pastoralmente, animem-se ao olhar em volta de vocês, porque a messe é muita e o operários são poucos."*

Ir.Alexandre Balko
20.02.1985

O RECRUTAMENTO DAS VOCAÇÕES

durante o governo de nossos quatro primeiros Superiores Gerais

Como para o Padre Champagnat, a operação recrutamento dos quatro primeiros Superiores Gerais consistiu em trabalhar com o céu. "A oração, a fé, a ação realizada dentro da fidelidade" (A. Forissier), foram as armas fundamentais. Em primeiro lugar, a ação de Deus que dispõe os corações..., a intervenção cheia de solicitude da "Boa Mãe", que em nossas escolas, sempre escolhia para si alguns novos postulantes (Cir. 02.07.1855). "E nossa 'Boa Mãe' não demorou em escolher-se novos filhos para substituir os que convoca para nossa cara missão da Oceânia" (Cir. 15.01.1841). Quando em 1848, a curva do recrutamento se infletiu, o R.Ir.Francisco pede que os Irmãos se unam a ele para pedir a Deus, pela intercessão de Maria e de São José, que envie bons postulantes. Na circular de 02.02.1858, podemos ainda ler este testemunho do R.Irmão Francisco: "Foi o nome bendito de Maria que deu vida à Congregação...Ainda hoje, é o nome bendito de Maria que é o primeiro sustentáculo de nossas casas de noviciado e que cada ano atrai numerosos postulantes."

O R.Ir.Luís Maria, também, testemunha a ação da Santíssima Virgem no recrutamento. "É também pela devoção a Maria, pelas práticas de piedade para com Maria que ele (M.Ch.) atraiu os primeiros Irmãos e os fez apegar-se a ele..."

Dirige-se a São José, mais especialmente encarregado por Deus de procurar candidatos para os noviciados. "Devemos fazer o que estiver a nosso alcance, em cada Província, para ajudar as vocações...Pedi-las a Deus por orações insistentes, sobretudo pela intercessão de São José que parece ser

mais especialmente encarregado por Deus de manter os noviciados religiosos e achar-lhes aspirantes."

Em 1872, atribui a retomada da corrente ordinária do recrutamento a uma proteção visível da Santíssima Virgem e de São José. A circular de 1874 reconhece na origem do aumento promissor de candidatos a ação de Deus, suas bênçãos e convida ainda à união de orações e de esforços.

O R.Irmão Nestor segue o caminho dos predecessores na circular de 19.03.1881. A fim de procurar os religiosos santos de que necessitamos, é necessário, em primeiro lugar, rezar e solicitar todos os dias a Deus, pela intercessão da Santíssima Virgem e de São José, boas vocações. Preconiza também dispor os corações dos jovens inspirando-lhes a devoção à Santíssima Virgem e a freqüência dos sacramentos.

O R.Irmão Teofânio nos comunica na circular de 18.05.1901 o parecer de sete Superiores Gerais reunidos com ele para estudar o que se refere particularmente ao recrutamento. Antes de tudo, os meios sobrenaturais como a oração, a penitência, e a vida religiosa exemplar. Especifica ainda as novenas à Santíssima Virgem e a São José, a devoção a Maria Santíssima. Enfim, expõe o método do bom Irmão Pascal já recomendado pelo Irmão Luís Maria, ou seja de rezar e de fazer com que se reze muito.

Os quatro reconhecem igualmente o valor que representa uma vida religiosa exemplar para o recrutamento. O recrutamento é obra sobrenatural cuja eficácia se apóia em Deus sem quem os trabalhadores se esforçam em vão. Eis porque, o Irmão Francisco, na circular de 15.01.1841 convoca os primeiros membros da família Marista Champagnat a trabalhar "com todas as forças para deixar aos pósteros uma rica herança de virtudes e de santos exemplos." Em 29.01.1856 concita "de novo" os Irmãos para que favoreçam as vocações, sobretudo, pelo exemplo de uma vida piedosa, regular e edificante. "É pela santidade da vida que, na expressão de São Paulo, serão em relação a todos os alunos, o bom odor de Jesus Cristo, para difundir com eficácia o conhecimento de seu Nome e que atrairão candidatos para a Sociedade de sua Mãe divina."

A circular de 08.12.1857, retoma como um eco: "mas não esqueçam que o melhor meio de fazê-las (as vocações) despertar e de multiplicá-las é de fazer amar e estimar seu estado por uma vida exemplar e verdadeiramente religiosa."

E o R.Irmão Luís Maria adianta: "Devemos fazer o que estiver a nosso alcance, em cada Província, para ajudar as vocações, suscitá-las, entendendo-

nos com o clero paroquial. Que reinem a piedade e a regularidade em todas as casas, é o ponto capital, porque Deus quer, acima de tudo, a salvação dos homens, abençoa de maneira especial as comunidades que lhe preparam e lhe dão santos. É através dessa comunidades que se faz a propaganda dos valores celestes e se atraem os propagadores do bem.

Em 1881, o R.Ir.Nestor, entre os meios que julga de utilidade para serem acrescidos aos já indicados, cita com primazia o procedimento exemplar.

O R.Ir.Teofânio, entre as conclusões, dos Superiores Gerais reunidos em 1901, relata o ponto seguinte: " Recrutar jovens para a vida religiosa é obra sobrenatural que exige o emprego de meios sobrenaturais..., o exemplo de vida piedosa, regular e edificante..."

Outra constante é o importunação que os Superiores experimentam com os pedidos advindos das diversas paróquias e mesmo municipalidades. São os anos da Restauração a clamar por educação e ensino verdadeiramente cristãos. Os vigários são os primeiros recrutadores e assim, ocasionalmente, tentam conseguir a fundação solicitada. Diversas vezes, o R.Ir.Francisco concita os Irmãos a interessar o clero paroquial no recrutamento das vocações. O mesmo acontece com o R.Ir.Luís Maria para o juvenato em 1868 e o noviciado de Dumfries, em 1874...

Um campo privilegiado de recrutamento será entre os jovens de mais de 15 anos (16 a 21 anos) mais propício a constituir diretamente o povoamento dos noviciados. Necessariamente deverá fazer-se fora das escolas. Assim aconteceu especialmente durante o generalato do Ir.Francisco. "Esses devem sobretudo exercitar o zelo dos Irmãos", diz o R.Ir.Luís Maria na circular de 16.07.1868, pela qual informa os Irmãos da criação do primeiro juvenato propriamente dito, em Notre-Dame de l'Hermitage, a título de ensaio. Vai durar uma dúzia de anos, antes da adoção a título definitivo nas estruturas de formação, em 1877, pelo Capítulo Geral que decreta a criação de três juvenatos: Saint-Genis-Laval, Saint-Paul-Trois-Châteaux e Beaucamps. Em fevereiro de 1869, o R.Ir.Luís Maria crê útil recordar aos Irmãos a existência do juvenato de Notre-Dame de l'Hermitage e faz apelo a seu zelo para que enviem bons aspirantes.

Isso aumentará consideravelmente os gastos de formação e para ir de encontro, vai ser formada, em ampla escala, uma obra de sustento denominada: "Obra dos Juvenatos", à qual os Irmãos Nestor e Teofânio consagrarão uma circular. Essa obra tinha o duplo escopo de financiar e recrutar. Toda a circular do R.Ir.Teofânio de 24.02.1886 será consagrada aos meios de que dispomos para constituir um fundo em benefício da Obra dos Juvenatos.

O recrutamento em nossas escolas parece não ter o favor dos Irmãos, pelo menos até à criação dos juvenatos. Contudo, o Ir.Francisco parece impelir os Irmãos para isso já em 1854: "suscitar as (vocações religiosas) mesmo com prudência entre os jovens...com os quais estão em contacto". E na circular de 2.07.1885, diz: "Temos também a consolação de saber que Deus abençoa cada vez mais nossas escolas e os meninos que as freqüentam e que a Santíssima Virgem aí escolhe sempre alguns novos postulantes". Por fim, na circular de 29.02.1856, acrescenta:"É a razão de concitá-los novamente a favorecer as vocações entre os alunos...".

A criação do primeiro juvenato de l'Hermitage supõe o recrutamento dos jovens aspirantes em nossas escolas. A circular de 14.06.1887 anunciando a abertura dos três juvenatos mencionados faz notar que os aspirantes poderão ser recebidos com a idade de 12 anos completos, portanto, é entre nossa população escolar que se faz o recrutamento. Com efeito, em 19.03.1881, o R.Ir.Nestor convoca os Irmãos a "procurar com zelo, sobretudo em nossas escolas, vocações religiosas".

Todavia, o recrutamento para os juvenatos em nossas aulas, tornado o complemento recomendado e organizado a partir dos primeiros ensaios de 1868, não fez abandonar e deixou mesmo a prioridade ao dos jovens (de mais de 15 anos) pertecentes a famílias cristãs e com quem os Irmãos deveriam encontrar-se fora dos estabelecimentos (R.Ir.Nestor, 19.03.1881).

O R.Ir.Teofânio definiu bem claro o papel e as obrigações dos Irmãos no recrutamento e cultura das vocações. Compete-lhes perceber os sinais de vocação religiosa, a aptidão e o atrativo, "duas coisas que se vislumbram, tanto no campo moral como físico, por um conjunto de qualidades e sentimentos que tornam o jovem capaz de desempenhar no mundo o papel que a Providência lhe confiou".

Os Irmãos Francisco, Luís Maria e Teofânio insistem igualmente na colaboração com o clero na pastoral das vocações.

Enfim, o R.Ir.Teofânio põe em relevo a obrigação que incumbe a cada Irmão de fazer valer o tesouro da vocação religiosa, a pérola preciosa do Evangelho, e concita a cada Irmão a seguir os conselhos do zeloso Ir.Pascal no domínio do recrutamento. Essa doutrina do Ir.Pascal tornou-se o código com o qual se referem nossos Superiores Gerais em seguimento do Ir.Luís Maria. Explicita muito bem o que o Ir.Francisco entende por encorajar, favorecer, suscitar com prudência boas vocações (Circ. 09.04.1853). Essa mesma doutrina encontra-se devidamente complementada pela ténica que apresenta o R.Ir.Nestor (Circ. 19.03.1881) e os 19 meios de recrutamento enumerados na

circular que presta conta da reunião de 7 Superiores Gerais junto com o Ir.Teofânio.

Observa-se que o recrutamento, sobretudo a partir do R.Ir.Nestor, será acentuado no ambiente escolar que se tornará assim pouco a pouco o meio privilegiado. De tal sorte que não se falava mais de recrutamento sem evocar a primeira introdução à vida marista, o juvenato. Este preservou sua importância pelo menos até à segunda guerra mundial e mesmo além da primeira metade do século XX. De tal maneira que poder-se-ia chamar o período de 1870 a 1970 o século do juvenato na vida Marista Champagnat. Sabemos o que aconteceu depois e talvez tenhamos saudades dessa época juvenil!

O Papa encantador que tinha dado ao Instituto a identidade eclesial pela aprovação das Constituições em 1863, viveu os último sete anos de vida no sofrimento e humilhação, repercutindo no coração os golpes que o mundo presente dava aos princípios sobre os quais havia construído. Seu sistema e política tinham desaparecido.

Atingido de pneumonia, expirava em 7 de fevereiro de 1878, despojado do poder temporal que a história tinha arrancado à Igreja e depois de ter afirmado o primado do sucessor de Pedro pela proclamação da infalibilidade pontifícia.

Em três dias os cardiais eleitores conseguiram designar, sem muita hesitação, o sucessor de Pio IX, Joaquim Pecci, o jovem que tinha lido uma saudação ao Papa Leão XII, por ocasião da abertura da Porta Santa, no dia de Natal de 1824. Já atingira 68 anos de idade e tinha cumprido, na província, 32 anos de episcopado. Foi a ele que Cristo confiou a Igreja por intermédio do conclave, em 20 de fevereiro de 1878.

Foi ele que abençoou e aprovou a nova estrutura, a Obra dos Juvenatos. Essa obra à qual os Superiores davam tanta importância, tinha seu órgão de imprensa, seu Boletim, destinado a publicar os progressos , o desenvolvimento dos juvenatos, a vitalidade do Instituto. Em janeiro de 1879, apareceu o primeiro número.

Em 27.05.1879, a pedido do Ir.Luís Maria, o Cardeal Caverot obtém de S.S. Leão XIII uma bênção especial para a obra que abençoa de imediato e aprova em 9 de junho do mesmo ano.Produzirá modestamente, e com os meios similares, no domínio do recrutamento, o que a obra de Paulina Jaricot tinha conseguido no campo da Propagação da Fé.

Fr. Roger Stirn

DOCUMENTOS

2.3
SERMÕES SOBRE OS FINS ÚLTIMOS

Apud minutas em A.F.M. *134.6, folheto de 4 páginas, 23,5 x 19,5*
134.7, folheto de 8 páginas, 26 x 20,5
134.8, folheto de 16 páginas,20 x 14

Possuímos quatro textos mais ou menos desenvolvidos que tratam dos Fins últimos. Por causa de sua semelhança, os três primeiros, 134.06 -07; -08; serão tratados aqui juntos. Os dois primeiros, são por assim dizer, apenas esboços. A substância acha-se desenvolvida no terceiro. Será o que vai reproduzido textualmente. Contudo, as passagens que se encontram unicamente em um dos dois primeiros serão acrescentadas à parte. Esses três textos são elaborados de acordo com o mesmo plano que apresentamos aqui:

Introdução

O passado: o pecador lembra-se dos pecados cometidos:
contra Deus;
contra o próximo;
contra si mesmo;

O presente: sobre o leito de morte, o pecador está atormentado:
pelas dores do corpo, pela doença;
pelos delírios da mente;
pela incapacidade de valer-se a si;

O futuro: o pecador está atormentado ao pensar no futuro:
nos parentes e amigos que vai deixar;
nas criaturas de que não mais gozará;
nos demônios que o esperam no inferno.

Memorare novissima et in aeternum non peccabis
Souvenez-vous de vos fins dernières
et vous ne pécherez jamais.

Pourquoi, M.C.F. tombons nous dans le péché et suivons nous nos mauvais penchans? C'est parce que nous oublions nos fins dernières, parce que nous ne pensons pas à ce qu'il doit nous arriver à la fin de notre vie.

C'est parce que nous oublions que nous devons mourir, que nous devons être jugés,
(var.) *et que ce jugement a de grandes suites, c'est-à-dire qu'il décide irrévocablement notre destinée ou pour l'enfer ou pour le ciel que nous tombons dans le péché.*

Nous rejettons la pensée de la mort, du jugement et des suites terribles de ce jugement et cependant cette seule pensée est capable d'après l'expression du St Esprit d'arrêter la fougue de nos passions. Souvenez vous de vos fins dernières et vous ne pécherez pas : *memorare novissima* etc...

Pour vous rappeller une de ces quatre fins de l'homme que dans un moment votre pasteur viendra au milieux de nous portant la cendre bénite que l'Eglise lui met aujourd'hui à la main et vous adresant ces paroles que Dieu adressa au premier homme devenu pécheur: Souviens toi, ô homme que tu n'est que que tu n'est que poussière et que tu retournera en poussière. *Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

Que ce peu de cendre parle éloquament à qui veut prêter l'oreille de son coeur. Méditons les, M.C.F. pendant ce carême, cette année, notre vie toute entière. La mort, nous trouvant occupé de cette sainte pensée, ne nous épouventera pas. Voyons combien est terrible la mort à celui qui n'y a jamais réfléchi et qui par conséquent ne s'y est jamais préparé: *Mors peccatorum pessima*; – la mort des pécheurs est très mauvaise. Mauvaise par rapport aux circonstances qui la précèdent, à celles qui l'accompagnent et à celles qui la suivent. Ces trois points feront tou(t) notre sujet.

A última parte está apenas esboçada; os sermões que vão seguir, sobre o inferno vão suprir largamente o que falta.

Se quisermos situar cronologicamente esses três textos interrelacionados, apenas podem-se levantar hipóteses. Com efeito, trata-se de saber se os dois textos resumidos são anteriores ou posteriores ao texto desenvolvido. Este, como se pode ver, está redigido para a cerimônia da imposição das cinzas. Essa circunstância, início da quaresma, é com certeza um apelo à conversão, mas isso não indica que os outros não fossem proferidos por ocasião da mesma circunstância, alías não fazem alusão alguma; a necessidade para o pecador de mudar de vida é de todos os instantes. No entanto, a probabilidade maior é em favor da anterioridade do texto desenvolvido.Pode-se pensar que o orador tenha primeiro composto esse texto no começo de seu ministério, quando não se atrevia ainda a improvisar. Nas outras circunstâncias, ou para outro auditório, teria extraído dos dois outros textos. Fortalecido pela experiência e possuindo melhor o assunto, apenas teria extraído as idéias principais ajuntando um que outro detalhe para torná-los mais concretos, mais ao alcance dos ouvintes.

De qualquer forma, esses textos põem em evidência o cuidado que o Padre Champagnat tinha em preparar os sermões, recopiando-os, ao menos em parte, para adaptá-los às novas circunstâncias, quando poderia ter-se contentado de retomar o texto já redigido deixando à improvisação a atualização das circunstâncias.

Memorare novissima et in aeternum non peccabis.
Lembrem-se dos novíssimos e não pecarão jamais.

Por que, meus caríssimos irmãos, caímos no pecado e seguimos nossas más inclinações? É porque esquecemos nossos novíssimos, porque não pensamos no que deve nos acontecer no fim da vida. Rejeitamos a lembrança da morte, do juízo e das conseqüências terríveis desse julgamento e, no entanto, esse único pensamento é capaz, conforme a expressão do Espírito Santo de sustar o ardor de nossas paixões. Lembrem-se dos novíssimos e não pecarão: memorare novissima, etc...É para lembrar-lhes um desses quatro novíssimos que daqui a pouco seu pastor irá no meio de vocês, com a cinza benta que a Igreja lhe põe nas mãos hoje e dirigindo-lhes as palavras que Deus dirigiu ao primeiro homem feito pecador: lembre-se, ó homem, que é pó e que em pó tornará.

Memento homo quia pulvis est et in pulverem reverteris.

Que esse pouco de cinza fale eloqüentemente a quem quer abrir os ouvidos do coração.

Meditemo-las, caríssimos irmãos, durante essa quaresma, durante o ano, durante toda nossa vida. A morte, encontrando-nos ocupados com esse pensamento não nos espantará. Vejam como é terrível a morte para quem jamais refletiu nisso e por conseguinte nunca se preparou: *mors peccatorum pessima*, a morte dos pecadores é péssima. Péssima a respeito das circunstâncias que a precedem, das que a acompanham e das que lhe seguem. Esses três pontos serão nosso assunto.

A la mort Dieu se moque de ceux qui se sont moqué de lui, en refusant d'écouter ses ministres et de se convertir. Nous allons nous entretenir aujourd'hui de la fin malheureuse des pécheurs. Nous allons les considérer tristement étendus sur un lit, considérant le passé, le présent, l'avenir.

Mors peccatorum mala in egressu. St Bernard nous dit qu'il n'y a rien que le pécheur momurant repouse avec plus de soin que le souvenir de ses iniquités passées, et rien cependant qjui se retrace plus vivement à sa mémoire que ce souvenir. Voyons ce fameux pécheur dont nous parle la Sainte Ecriture: *Nunc reminiscor malorum quae ego feci in Jerusalem. in quantam desolationem deveni et in quo fluctus tristitiae inivi.*

Maintenant que je suis étendu sur ce lit, accablé par la maladie, je me souviens de maux que j'ai faits dans Jérusalem. *Nunc*, maintenant que j'ai plus de mal que je n'en puis suporter, le cruel souvenir vient encore par surcroix. *Quae ego feci.* Voyez mes Ch.F. comme l'approche de la mort lui fait bien reconnoitre la vérité : il ne dit pas, qu'on m'a fait faire, qu'on m'a conseillé de faire, mais: quae ego feci, que j'ai fait moi-même. La mort lui fait encore discerner la qualité du mal qu'il a fait et contre qui il l'a fait: in Jerusalem, c'est contre ma ville consacrée à Dieu, consacrée à son culte, consacrée à sa religion : in Jerusalem.

C'est contre les ministres de Dieu qui habitoient dans Jérusalem auxquels j'ai fait tout le mal que j'ai pu.

Ha ce souvenir m'accable, ce souvenir m'abat. *Nunc*, au moment de la mort le pécheur, comme un autre Antiochus dit: *Nunc reminiscor*, je vois à cette heure tout ce que j'ai fait: péchés de mon enfance, péchés de ma jeunesse, péchés d'un âge plus mûr, enfin l'histoire entière de toute ma vie. Je vois les péchés contre Dieu et sa religion, contre ses ministres et son culte. *Reminiscor*: ici se présente à mems yeux tous mes murmures contre la divine Providence, toutes mes imprécations, mes blasphèmes : *in quantam desolationem* deveni, dans quelle triste situation je me trouve.

Il voit le pécheur mourant, il voit les sacrilèges, railleries qu'il a faites contre ce qu'il y avait de plus saint dans la religion.

Il voit comme un autre Judas, l'énormité du sacrilège usage qu'il a fait des sacrements et il dut comme ce fameux réprouvé: mon crime est trop grand pour en espérer le pardon: *in desolationem deveni quantam.*

Péchés contre le prochain : jalousie, envie, haine, médisance, calomnie, injustice, scandale, mauvais conseils, en un mot, tous les maux qu'on lui a fait commêttre

Péchés contre soi-même : orgueil, avarice, paresse, intempérance, impudicité, etc... etc...

Mors peccatorum mala in egressu. São Bernardo noz diz que não há nada que o pecador à morte mais repila do que a lembrança de suas iniquidades passadas, e no entanto, nada mais lhe acode à memória do que elas. Vejamos aquele famoso pecador de que nos fala a Sagrada Escritura: *Nunc reminiscor malorum que ego feci in Jerusalem.* Agora que estou estendido sobre esse leito, oprimido pela doença, lembro-me dos males que fiz a Jerusalém. *Nunc*, agora que o mal excede minha resistência, a cruel lembrança vem somar-se. Quae ego feci. Vejam, caríssimos irmãos, como a chegada da morte lhe faz reconhecer a verdade, ele não diz, que me fizeram cometer, que me levaram a fazer, mas: *quae ego feci*, que fiz eu mesmo. A morte o faz discernir a qualidade do mal que fez e contra quem o fez; in Jerusalem, é contra a cidade consagrada a Deus, consagrada a seu culto, consagrada à religião: in Jerusalem.

É contra os ministros de Deus que habitavam Jerusalém que fiz todo o mal que pude.

Como essa lembrança me prostra, me abate! Nunc, no momento da morte, o pecador, qual outro Antíoco, diz: Nunc reminiscor, vejo neste momento tudo quanto fiz: pecados da infância, pecados da juventude, pecados da idade madura, enfim a história toda de minha vida. Vejo os pecados contra Deus e sua religião, contra seus ministros e seu culto.

Reminiscor: fazem-se presentes a meus olhos todas as murmurações contra a divina Providência, todas minhas imprecações, minhas blasfêmias: *in quantam desolationem deveni*, em que triste situação me encontro.

O pecador moribundo vê os sacrilégios, as zombarias que cometeu contra o que de mais santo havia na religião.

Vê, qual Judas, a enormidade do sacrilégio que fez contra os sacramentos e repete como ele: meu crime é grande demais para esperar perdão: *in desolationem deveni quantam.*

Pecados contra o próximo: inveja, ciúme, ódio, maledicência, calúnia, injustiça, escândalos, maus conselhos, numa palavra, todos os males que o levaram a cometer.

Pecados contra si-mesmo: orgulho, avareza, preguiça, intemperança, impudicícia, etc,...etc...

A la vue de toutes ces saletés impudiques dont il ne pouvoit soutenir le souvenir, même lorsqu'il se portoit bien, dans l'état où il est réduit il ne peut y penser sans saisissement ; il dit avec encore plus de force qu'Antiocus, parce qu'il est plus instruit que lui, par conséquent plus capable: *in quantam desolationem deveni*, dans quelle terrible désolation me trouve-je reduit ; *et in quos fluctus tristiae*, et dans quels reflus de tristesse.

Pendant que le pécheur jouissoit d'une bonne santé, tout le mal qu'il faisoit ne lui sembloit rien, il avaloit l'iniquité comme l'eau, mais il en est plus de même maintenant que la maladie l'a atteint: *Circum dederunt me vituli multi, tauri, pingues obsederunt me*, mes péchés se présentent à moi sous la forme de bêtes affreuses ; *Cum dormierit apperiet oculus suos*, le pécheur ouvrira les yeux au moment de la mort.

Quelle étrange expression, s'écrie Saint Grégoire, nous fermons les yeux pour dormir et nous les ouvrons à notre réveil ; d'où vient donc qu'il est dit que le pécheur ouvrira les siens pendant son sommeil. C'est que deux choses entrant dans la composition de l'être du pécheur, l'âme et le corps et que le sommeil se saisissant d'une de ces parties, l'autre s'éveille et ouvre les yeux.

* * *

Le présent afflige le pécheur aux prises avec la mort.

Jugez, mes F. par trois choses : 1 – par les douleurs aiguës qu'un pécheur au lit de la mort éprouve dans son corps ; par les alarmes efrayantes que la mort livre à son esprit ; par l'impuissance où il se trouve de se secourir lui-même dans ses misères.

1° Par les douleurs aiguës; De tous les maux qui peuvent affliger l'homme il n'en est point auxquelles il soit plus sensible qu'aux maladies, surtout quand elles sont mortelles. Tandis qu'il n'est affligé que dans (ses enfans) ses amis, dans ses biens, dans ses proches ; il supporte ses peines. Quelque soit cette disgrâce, elle ne le touche que de loin, dit Saint Grégoire, en comparaison de la douleur intime et particulière qu'il souffre quand il est frappé et tourmanté dans sa propre personne.

C'est la réflexion que fait ce savant Pape sur la réponse que fit le démon à Dieu à l'égard de Jobe: il est inutile de dire que le démon fit contre Job tout ce qu'il put, mais tant qu'il ne sera affligé dans les choses qui ne tiennent pas à son corps, il gardera la paix: *moveri his quae extra se sunt negligit, sed jam veraciter quid sit agnocitur si in supro quod dolet experiatur.*

S'il n'est pas fort ému des choses qui lui sont étrangères, il rentre en lui-même, il se trouble quand il fait une sensible expérience de sa propre douleur. Si cela est généralement vrai à l'égard de tous les hommes, à combien plus forte raison est-ce vrai à l'égard des pécheurs

À vista de todas essas impurezas cuja lembrança quando estava com saúde custava suportar, no estado em que está agora não pode pensar sem estremecimento; diz com mais força do que Antíoco, porque mais instruído do que ele, por conseguinte mais capacitado: i*n quantam desolationem deveni*, – a que terrível desolação estou reduzido; *et in quos fluctus tristitiae*, – em que poço de tristeza.

Enquanto gozava de boa saúde, o mal parecia sem conseqüências ao pecador, bebia a iniquidade com se água fosse, mas a coisa mudou agora que a doença o atingiu: *Circumdederunt me vituli, tauri pingues obsederunt me* – meus pecados eis que parecem feras horrorosas; *Cum dormierit oculus suos* – o pecador abrirá os olhos no momento da morte.

Que estranha expressão, exclama São Gregório, fechamos os olhos para dormir, e os abrimos ao despertar: por que se diz então que o pecador os abrirá durante o sono. É que essas duas coisas constituem o ser do pecador, alma e corpo, e que o sono toma conta de uma delas e a outra acorda e abre os olhos.

O presente aflige o pecador às voltas com a morte.

Julguem, caríssimos irmãos, três coisas: 1. pelas dores agudas que um pecador à morte experimenta em seu corpo; pelos expectros horríveis que a morte lhe traz ao espírito; pela impotência em que está de socorrer-se a si-mesmo em suas misérias. 1° pelas dores agudas. De todas as dores que podem abater-se sobre o homem nenhuma mais sensível do que a doença, sobretudo quando mortal. Enquanto a desgraça atinge os amigos, os bens, os parentes, ele suporta. Por maior que seja, ela o atinge indiretamente, diz São Gregório, se comparada com a dor íntima e particular que sente quando é atingido e atormentado em si-mesmo. É a reflexão que faz esse sábio Papa sobre a resposta que o demônio deu a Deus a respeito de Jó: inútil dizer que o demônio fez o mais que pôde contra Jó, mas enquanto ele não for atingido na própria carne, ficará tranqüilo: *moveri his quae extra se sunt negligit, sed jam veraciter quid sit agnocitur si in supro quod dolet esperiatur.*

Se as coisas que não lhe dizem respeito pouco o atingem, entra em si, se perturba quando faz a experiência dura de sua própria dor. Se isso é verdade para todos os homens, com maior razão quando se trata dos pecadores.

2° Par les effroyables alarmes que la mort qui se présente à ses yeux livre à son esprit. La mort du juste produit des effets bien différens dans l'un et dans l'autre, dit Saint Bernard. Dans le juste la mort est bonne à cause du repos qu'il y trouve, de la nouvelle vie qu'il va recevoir et de l'éternité qui va lui être assurée. Il n'y a rien de si intime que l'âme et le corps et, par conséquent, que la séparation fasse plus de peine.

3° Pour que le pécheur put se secourir il faudroit qu'il eût absolument quatre choses, une des quelles manquant, le pécheur ne peut se convertir: 1. le temps ; 2. l'usage des facultés de son âme ; 3. la grâce de Dieu ; 4. enfin la coopération à la grâce.

Y correspondront ils après l'avoir si souvent rejeté, cette lumière qu'on auroit pas voulu voir dans un jubilé, dans une retraite.

* * *

Le pécheur promenant ses regards dans l'avenir sera terriblement épouventé: *mors peccatorum mala in egressu*; la mort des pécheurs est malheureuse dans leur sortie de ce monde ; *pejora autem in ingressu*, elle est encore plus mauvaise dans l'entrée dans l'autre vie ; très mauvaise par la réprobation qui suivra. La terre (se soulèvera contre lui), les créatures qu'il a souillées et qu'il a forcées pour ainsi dire à lui aider à assouvir ses passions (ne voudront plus être à son usage), lui livreront la guerre.

J'en distingue trois: celle qui lui ont été amies ; celles qui lui ont été indifférentes et dont il a abusé ; d'autres qu'il ne connoit pas et qui lui ont été ennemies.

Les premières sont les parents et les proches ; les secondes, les créatures en général ; les troisièmes sont les démons.

2° Pelos terríveis expectros que a morte às portas lhe traz ao espírito. A morte do justo produz efeitos muito diferentes num caso e no outro, diz São Bernardo. Com o justo, a morte é boa porque lhe traz descanso, uma nova vida que chega e a eternidade que lhe é assegurada. Nada de mais íntimo do que a alma e o corpo, daí a separação ser tão dolorosa.

3° Para que o pecador possa vir a seu próprio socorro, quatro coisas são absolutamente necessárias: 1. tempo; 2. uso das faculdades da alma; 3. a graça de Deus; 4.finalmente a cooperação à graça.

Encarando o futuro, o pecador sentirá terrível espanto: mors peccatorum mala in egressu - a morte dos pecadores é desgraçada na saída deste mundo; pejora in egressu – é pior porém na entrada da outra vida; péssima pela reprovação que virá. A terra, as criaturas que manchou e que forçou por assim dizer a satisfazer suas paixões, declarar-lhe-ão guerra.

Distingo três: as que eram amigas; as que lhe eram indiferentes e das quais abusou; outras que desconhece e que lhe são adversas.

As primeiras são os familiares e parentes; as segundas, as criaturas em geral, as terceiras são os demônios.

2.4
SERMÃO SOBRE OS FINS ÚLTIMOS

Extraído do manuscrito original de A.F.M 134.10, folheto de 4 páginas, 29 X 21, escrito em 3 páginas 1/2.

Este quarto sermão sobre os Fins últimos está composto sobre o mesmo plano dos três primeiros, mas não desenvolve senão a primeira parte, se bem que as três sejam anunciadas. Contendo muitos dados novos, o texto vai aqui transcrito na íntegra, apesar das passagens que já se encontram nos precedentes.

Determinar o lugar cronológico deste texto, em relação aos outros, não é possível. Devido aos detalhes muito concretos que contém, pode-se pensar que se trata de uma obra de neófito bem intencionado que quer causar impacto, mais do que de um pastor experiente que pretende sacudir seu auditório lento a converter-se. No que se refere à escrita, difere dos três textos precedentes: esses últimos apresentam uma grafia arejada, com caracteres bastante grandes, facilmente visíveis por um orador que deseja guardar os olhos presos à folha, ao passo que este exibe uma escrita fina e fechada, mesmo com uma sobrecarga de linhas em certo lugar. Além disso, o formato do papel é nitidamente maior que o dos outros.

Se, de fato, aqui se tratar, não de simples instrução, mas de um sermão, que nos permite supor que tenha sido feito por ocasião da distribuição das cinzas, presumimos que se enquadre mais na primeira alternativa indicada antes, portanto, que este texto seja anterior aos três outros. Essa hipótese deixaria aparecer, através dos quatro textos, a evolução do método do pregador. Convém destacar o caráter puramente hipotético desta sugestão que o próprio leitor poderá apreciar.

*
* *

Memorare novissima et in aeternum non peccabis
Souvenez-vous de vos fins dernières et vous ne pecherez jamais.

Telles sont les paroles mêmes de l'Esprit Saint. C'est donc, mes chers F. parce que nous oublions que nous devons mourir un jour et qu'après cette mort nous devons être jugé et que ce jugement décide irrévocablement notre sort ou pour le ciel ou pour l'enfer.

N'oublions donc pas que nous devons mourir : *memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris,* – souviens toi ô homme que tu n'est que poussière et que tu retournera en poussière. Ce sont encore les paroles du St. Esprit que votre pasteur, la cendre à la main, nous adresse à tous en général et à chacun en particulier. Il en demeure pas là pour que vous ne l'oubliez jamais, il grave avec la cendre que l'Eglise lui met en ce jour à la main, (le) signe de la croix sur votre front en disant: *Memento homo*, – Souviens toi homme, quelque soit ton âge, quelque soient tes projets, quelques puissent être tes prétentions. Souviens toi, – Memento, que ce peu de poussière que je tiens à la (main) est ton origine et que sous peu de jours ce sera la fin.

Mes F. que ce peu de cendre parle éloquament à chacun de nous. Prêtons seulement l'oreille, mais l'oreille de notre coeur. Disons nous : Je dois mourir et à la mort, si je vis mal, quelle sera ma détresse à ce dernier moment, si, comme dit encore le St Esprit dans les Proverbes de Salomon (1),je refuse de me convertir comme Dieu m'y engage par la voix de ses ministres. Dieu se moque à la mort de ceux qui se sont moqué de lui,en refusant de changer de vie.

Vous voyez, mes Frères, que je veux vous parler aujourd'hui de la fin malheureuse des pécheurs. (Nous) les considérerons tristement étendus dans leur lit, livrés à ces trois considérations : reflexions sur le passé ; réflexion sur le présent ; ref. sur l'avenir.

1ère partie

Le souvenir du passé accablera les pécheurs aux approches de la mort Tous les objets se présentent à l'homme pécheur au moment de la mort. Il n'y en a point, selon St Bernard, qu'il tache de fuir davantage et qu'il peut cependant moins fuir que la vue de ses désordres, de ses iniquités passées, ces fornications qu'il a commises à la faveur des ténèbres et de la solitude, ces injustices, ces voles, ces haines, ces pensées d'ambition, d'impuretés qui n'ont jamais paru au dehors paroitront aux yeux de son ame qui ne voudroit pas les voir.

Memorare novissima et in aeternum non peccabis
Lembrem-se dos novíssimos e nunca pecarão.

Essas são as palavras do Espírito Santo. É um fato, caros Irmãos,que esquecemos que devemos morrer um dia e que, depois da morte, devemos ser julgados e que esse julgamento decide irrevogavelmente nossa sorte ou para o céu ou para o inferno.

Lembre-se que é pó e em pó vai tonar-se. São ainda palavras do Espírito Santo que seu pastor, com as cinzas em mão, se dirige a todos, em geral, e a cada um em particular. E para que não o esqueçam nunca, não se limita a palavras, mas com as cinzas que a Igreja lhe põe nas mão, neste dia, grava o sinal da cruz na fronte dizendo: "*Memento homo*, – Lembre-se, homem, qualquer que seja a idade, projetos, pretensões. Lembre-se, – Memento, que esta porçãozinha de pó que seguro é sua origem e que em poucos dias será o fim. Caros Irmãos, como essa pitada de cinzas fala eloqüentemente a cada um de nós! Não ouçamos apenas com o ouvido, mas com o coração. Digamo-nos:"Devo morrer e na hora da morte, se viver mal, quão grande será minha desgraça nesse último momento, se, como diz ainda o Espírito Santo nos Provérbios de Salomão, (1) recusar de me converter, como Deus me convida pela voz de seus ministros. Na morte, Deus zomba dos que se zombaram dele, recusando-se a mudar de vida.

Vêem, caros Irmãos, que pretendo hoje falar do fim desgraçado dos pecadores. Consideremo-los estendidos em seu leito, entregues a estas três considerações: reflexões sobre o passado; reflexão sobre o presente; reflexão sobre o futuro.

1ª parte

A lembrança do passado prostrará os pecadores na proximidade da morte. Todos os objetos apresentam-se ao homem pecador na momento da morte. Não adianta, segundo S.Bernardo, procurar esquecer, menos ainda tentar fugir das próprias desordens, das iniquidades passadas, as fornificações que cometeu nas trevas e na solidão, essas injustiças, roubos, ódios, pensamentos de ambição, impurezas que nunca transpareceram e que agora aparecerão aos olhos da alma que não quereria vê-las.

Tous ces péchés que ce malheureux avoit toujours voulu cacher se présenteront à lui en trois différentes manières: premièrement, ils l'environneront de toutes parts, – *circumdederunt eum vituli multi, tauri pingues obsederunt eum*, – mes péchés se présenteront à moi sous la forme de taureau et de bêtes affreuses qui m'environnent de toutes parts. Je croyais, en les commettant, – *nunc reminiscor malorum quae feci in Jerusalem*, – que ce n'étoit rien, mais aujourd'hui je vois bien le contraire. Qu'est-ce que ces monstres qui semblent vouloir se jeter sur moi? Est-ce là cet adultaire, cette impureté, cette fornication, ce péché que j'ai commis seul, ce mauvais désir, ce péché infame que je n'ai jamais osé accuser, que je ne voulois pas même me repentir ; qu'est-ce encore qui frape ma vue, est-ce cette vangeance que j'ai commise, cette envie, ce jugement téméraire, cette médisance, cette calomnie, cette ivrognerie que je comptois pour rien ; est-ce cette négligeance de mes devoirs, mes pâques manquées, dimanche mal observé, abstinance, jeûnes, privations, prières des quarantes heures, jubilé, avertissement charitable de mes pasteurs, de mes parens, de mes véritables amis, touche secrète de la grâce, bons mouvements intérieurs qui me pressoient fortement de me donner à Dieu, tout cela se tourne maintenant contre moi. Le pécheur apperçoit encore quelque chose de plus effrayant: ce sont les péchés commis directement contre Dieu; blasphème, les raillerie contre la religion, les fauts serments, la profanation des sacremens et des choses saintes. Mon Dieu que de crimes! Quand je voulois me confesser, je n'en pou(vois) presque point trouver, et aujourd'hui ils se présentent par milliers. N'en soit point étonné, tu t'étois fait une fausse conscience, tu ne faisois aucune réflexions, tu cherchois de confesseur relachés ou des confesseurs que tu pusse tromper, tu avois les yeux de ton ame comme fermé, mais aujourd'hui que ceux de ton corps vont se fermer, comme nous dit l'Ecriture Sainte(2), ceux de ton ame s'ouvrent. O funest et horrible réveille de l'ame, – *qua dormierit apperiet oculos suos*, – il commencera à ouvrir les yeux lorsqu'il mourra.

Quelle étrange expression, dit St Grégoire, nous fermons les yeux pour dormir et nous les ouvrons à notre réveil! d'où vient donc qu'il est dit que le pécheur ouvrira les siens pendant son someil? C'est deux choses entrent dans la composition de l'être du pécheur: son ame et son corps et que quand le someil se saisit d'une de ses partie, l'autre s'éveille et ouvre les yeux. Le corps commence-t-il à s'endormir aux approches de la mort, l'ame qui s'étoit jusque là comme assoupie, s'éveille et voit ce qu'elle a négligé de voir.

Elle se représente ses ordures, ses abominations, ses infamies, la manière indigne avec laquelle elle a vécu, – *nunc reminiscor malorum quae feci*, – c'est à présent, dit un malheureux pécheur, – que je me souviens

Todos esses pecados que o infeliz sempre quis ocultar apresentar-se-ão de três diferentes maneiras: primeiramente o envolverão de todos os lados, – *circumdederunt eum vituli multi, tauri pingues obsederunt eum*, – meus pecados se apresentarão a mim sob a forma de touros e de animais horríveis que me cercam de todos os lados. Acreditava, ao cometê-los, – *nunc reminiscor malorum quae fecit in Jerusalem*, – que não era nada, mas hoje, vejo bem o contrário. Que são esses monstros que parecem querer lançar-se sobre mim? Será esse adultério, essa impureza, essa fornicação, esse pecado que cometi só, esse mau desejo, esse pecado infame que nunca ousei acusar, de que nem mesmo quis me arrepender; o que é que me dá na vista, será essa vingança que cometi, essa inveja, esse juízo temerário, essa maledicência, essa calúnia, essa bebedeira que não tomei em conta; será essa negligência em minhas obrigações, as obrigações pascais que não fiz, os domingos mal observados, abstinências, jejuns, privações, orações das quarenta horas, jubileu, avisos caridosos de meus pastores, de meus pais, dos verdadeiros amigos, toque secreto da graça, bons movimentos interiores que me impeliam a dar-me a Deus, tudo isso agora se volta contra mim. O pecador percebe ainda alguma coisa de mais assustador: são os pecados cometidos diretamente contra Deus: as blasfêmias contra a religião, os falsos juramentos, a profanação dos sacramentos e das coisas santas. Meu Deus, quantos crimes! Quando queria me confessar, quase não podia encontrá-los e hoje apresentam-se aos milhares. Não se espante, você se criou uma consciência falsa, você não refletia, procurava confessores fáceis ou confessores que pudesse enganar, e tinha os olhos da alma fechados, mas hoje, os do corpo vão se fechar, como dizem as Escrituras Sagradas e os da alma se abrem (2). Oh! funesto e horrível acordar da alma, - qua donnierit apperiet oculos suos, - começará a abrir os olhos quando morrer.

Que expressão esquisita, diz S.Gregório, fechamos os olhos para dormir e os abrimos ao acordar! de onde vem pois que se diz que o pecador abrirá os olhos durante o sono? Essas duas coisas entram na composição do ser do pecador: a alma e o corpo. Quando o sono se apodera de uma das partes, a outra desperta e abre os olhos. O corpo começa a dormir com a aproximação da morte, a alma que até então estava entorpecida, acorda e vê o que negligenciou de ver.

Representa-se a fealdade, as abominações, as infâmias, a maneira indigna de viver, – *nunc reminiscor malorum quae feci*, – agora, diz o infeliz pecador, lembro-me

des péchés que j'ai commis, c'est à présent que je vois ce que auparavant je prenois tant de soin de me cacher.

Non seulement les pécheurs seront comme environé et assiégés de toutes parts par leur actions criminelles, mais leur substance en sera toute pénétrée. Cela paroit étonnant et cependant cela est très véritable. Comme l'ame est individuelle et qu'elle est toute entière dans chaque partie du corps qu'elle anime, elle est toute pénétrée de ses péchés et ses péchés la transforment en quelque manière en eux. La moêl, les tendons, les cartillages, les muscles, les nerfs des pécheurs seront remplis de vices, – *ossa ejus replebantur vitiis* –. Est-ce là tout? Ils descendront dans le tombeau avec lui, ils lui tiendront companie jusqu'au grand jour des vengeances, que dis-je, ils descendront avec lui dans l'enfer et là tout grouillant de ces vers dans cette infame pourriture qui alimentera les feux allumés par la colère de Dieu. Pour peu qu'on approche d'une charogne on en sent la puanteur ; mais approchez malgré la puanteur, que voyez-vous? Une fourmilière de vers qui grouillent. Vous diriez que c'est une charogne qui remue, mais point du tout, ces vers que vous voyez en si grand nombre sont une même chose à vu ce cadavre. Voilà l'image parfaite d'un pécheur qui va mourir: son ame, son corps, son entendement, ses mains, ses yeux, ses oreille, sa bouche, sa langue, tous ses sens, sa volonté, ses ore... tout est plain de péchés. Voyez vous ce pécheur qui se remue, non mes F. ce sont ses péchés qui le remue sur son triste grabas. Approchez seulement les yeux de votre foi, – *interiora ejus offerbuerunt sine requiem* –.

Enfin ses péchés lui donne le coup de la mort. Il n'y a rien de si effroyable que ce qui arriva à Senacherib, roi des Assiriens(3), ce prince impie avoit commis une infinité de crimes dans la Judée, traitant les Juifs avec cruauté, profanant tout ce qu'il y avoit de St et de sacré, ne craignant ni les hommes, ni Dieu, ni la terre, ni le ciel.Enfin la justice divine ne pouvant plus soutenir de pareils horreurs, envoya un Ange qui défit toute son armée, réduisit ce prince à prendre honteusement la fuite. Mais à peine fut il retourné dans son royaume que ses enfans, sa propre substance, ceux à qui il avoit donné la vie, se révoltèrent contre lui, (lui) donnèrent la mort. Vous comprenenez sans peine ce que je veux vous dire.

Quand un pécheur est au lit de la mort, quand ses parens, ses amis, toutes les créatures l'ont abandonné, ses enfans, c'est à dire ses péchés l'environnent pour le tuer ; oui les enfans de sa tête, cette vanité, ce orgueil, ce monstrueux dessein de s'élever et de s'enrichir ; les enfans de son coeur: son hypocrisie, son impiété, ses mauvaises pensées ; les enfans de ses reins: ses fornications, etc... lui porteront le poignard dans le sein. Tel est le sort qui attend le pécheur.

dos pecados cometidos, agora vejo o que antes cuidava em ocultar.

Os pecadores não serão apenas cercados e assaltados de todas as partes por suas ações criminosas, mas todo seu ser será penetrado por elas. Isso parece espantoso e no entanto é a pura verdade. Como a alma é individual e está em cada parte do corpo que ela anima, fica completamente penetrada de pecados e esses pecados a transformam de alguma maneira neles. A medula, os tendões, as cartilagens, os músculos, os nervos dos pecadores serão repletos de vícios, – *ossa ejus replebantur vitiis* –. É isso tudo? Descerão ao túmulo com ele, lhe manterão companhia até o grande dia da vingança, que digo eu, descerão com ele no inferno e lá será carcomido por esses vermes, nessa podridão que alimentará o fogo aceso pela cólera de Deus. Por pouco que a gente se aproxime da carniça, a gente sente o mau odor; mas aproximem-se apesar do cheiro horrível, que vêem? Um fervilhar de vermes. Diriam que é uma carniça que se mexe, nada disso, os vermes que enxergam em número tão grande são a mesma coisa que o aspecto desse cadáver. Aí está a imagem perfeita do pecador que vai morrer: a alma, o corpo, o entendimento, as mãos, os olhos, as orelhas, a boca, a língua, todos os sentidos, a vontade, tudo está repleto de pecados. Vêem esse pecador que se remexe, não, caros Irmãos, são os pecados que o reviram em seu leito de morte. Aproximem apenas os olhos de sua fé, – *interiora ejus offerbuerunt sine requiem.*

Por fim, os pecados lhe dão o golpe de morte. Não há nada de mais espantoso do que aconteceu a Senaqueribe, rei dos Assírios (3), esse príncipe ímpio tinha cometido uma infinidade de crimes na Judéia, tratando os habitantes com crueldade, profanando tudo o que havia de santo e de sagrado, não temendo nem os homens nem a Deus, nem a terra, nem o céu. Enfim a justiça divina não podendo mais suportar tais horrores, enviou um anjo que lhe desfez o exército, obrigou o príncipe a fugir. Apenas entrou em seu reino os filhos de sua própria substância, aos quais dera a vida, se revoltaram contra ele, e o mataram. Compreendem sem dificuldade o que pretendo dizer-lhes.

Quando um pecador está no leito de morte, quando os parentes, os amigos, todas as criaturas o abandonam, os filhos, quer dizer os pecados o cercam para matá-lo; sim, os filhos de sua cabeça: essa vaidade, esse orgulho, esse desejo monstruoso de sobressair e de enriquecer; os filhos do coração: a hipocrisia, a impiedade, os maus pensamentos; os filhos dos rins: as fornificações, etc...o apunhalarão. Tal é a morte que espera o pecador.

Premier essai:

> *Creatus est homo ad hunc finem ut Dominum Deum suum laudet et revereatur eique serviens salvus fiat ig.*
> L'homme est créé pour connoitre, aimer et servir Dieu et pour acquérir par ce moyen la vie bienheureuse.

A voir la conduite de la plupart des hommes on diroit que l'homme est est créé pour être riche, honoré, en un mot pour goûter ici-bas les plaisirs des sens. Je veux donc aujourd'hui, mes f., en vous ramenant à une des premières demandes de votre (...) vous rappeler ce que vous n'oubliéz que trop souvent, c'est à dire que Dieu vous a créé pour le connoitre, l'aimer, le servir et par là obtenir la bienheureuse éternité.

2.5

REFLEXÕES SOBRE O FIM DO HOMEM

De acordo com o autógrafo A.F.M. 134.12, sobre duas folhas recto verso, de formato 26 x 21.

O Padre Champagnat, de início, tinha começado este texto na primeira página, mas depois de algumas correções e rasuras riscou tudo para recomeçar na página seguinte e, desta vez, sem retoques. Encontra-se-á aqui, portanto, uma primeira tentativa, depois, a versão definitiva.

Vistos o andamento do texto e a oração final, pode-se pensar que não se trata de um sermão propriamente dito, mas antes de uma instrução, quiçá de algumas reflexões feitas no decorrer de uma cerimônia, daí o título escolhido para esta edição.

Primeira tentativa:

Creatus est homo ad hunc finem ut Dominum Deum suum laudet et revereatur eique serviens salvus fiat ig. O homem foi criado para conhecer, amar e servir a Deus e para adquirir por esse meio a vida bem-aventurada.

Ao verificar a conduta da maioria dos homens dir-se-ia que o homem foi criado para ser rico, honrado, em uma palavra, gozar aqui em baixo os prazeres dos sentidos. Por conseguinte, quero hoje, meus caros irmãos, ao conduzi-los a uma primeira pergunta do catecismo, lembrar-lhes o que esqueceram com freqüência, isto é, que Deus os criou para conhecê-lo, amá-lo, servi-lo e com isso obter a eternidade feliz.

Et d'abord Dieu m'a créé pour le servir. Et jusqu'où s'étend ce devoir.

Je dis donc que Dieu nous a créé pour le connoitre. Quand jeune encore on vous a demandé pourquoi Dieu vous a-t-il créé? Qu'avez vous répondu, mes frères? Vous avez répondu que Dieu nous crée pour le connoitre.

Texte définitif:

Creatus est homo ad hunc finem ut dominum Deum suum laudet et revereatur, eique serviens, salvus fiat ig.

L'homme est créé pour cette fin c'est à dire pour connoitre, aimer, louer et servir Dieu pour mériter par là la bienheureuse éternité.

A voir la conduite de la plupart des hommes on diroit que l'homme n'est au monde que pour y être riche, honoré, qu'il n'y est en (...) mot que pour y goûter ses aises, ses commodités et tous les plaisirs des sens. Pour vous tirer, mes frères, de cet égarement fatale qui malheureusement peuple les enfers, je vais vous ramener à une de ces premières demandes de votre catéchisme afin de vous rappeler ce que vous n'oubliez que trop, c'est a dire que vous n'êtes en ce monde que pour servir Dieu.

Quand, jeune encore, on vous demande pourquoi Dieu nous a-t-il créé, n'étant pas encore aveuglé par les préjugés et les passions, vous répondit sans hésiter que vous y étiez pour connoitre, aimer et servir Dieu et mériter par là la vie bienheureuse. C'est donc là, mes f. ce que Dieu s'est proposé en vous créant. D'une seule parole ce grand Dieu créa tout ce qui existe: – *dixit et facta sunt* – il créa la terre, l'eau, l'air, le feu, les bois, les méteaux, les animaux, enfin tout ce que renferme la vaste étendue des cieux pour le service et l'utilité de l'homme. Vous en convenez, je le pense. Mais vous mêmes, mes f. pourquoi Dieu vous a-t-il créé, chef d'oeuvre du Tout Puissant Créateur doués de la raison, est-ce pour que vous goûtiez le bonheur ici-bas? Hélas non, sans doute, car si cela étoit, Dieu auroit manqué la fin pour la quelle il vouloit vous créer, puisque vous convenez sans peine avec moi que vous n'avez encore pu goûter aucun bonheur. Je dis plus, six mil ans de recherche n'ont encore pu suffire pour le trouver, mais ce qui est bien déplorable, c'est que six mil ans d'expérience n'ont pas encore pu désabuser l'homme sur ce point, puisque, mes chers frères, vous convenez qu'on ne peut trouver le bonheur ici-bas, convenez aussi que vous n'êtes point sur la terre pour cela. Mais y êtes vous pour goûter les plaisirs des sens? Si cela étoit l'homme ne seroit point au-desus des animaux privés de la raison. Au reste, si l'homme étoit créé pour goûter ainsi ces

Em primeiro lugar, Deus me criou para servi-lo. E até onde vai esse dever.

Digo, portanto, que Deus nos criou para conhecê-lo. De pequenos se lhes perguntava por que Deus os criou? O que responderam, caros irmãos? Responderam que Deus nos criou para conhecê-lo.

Texto definitivo:

Creatus est homo ad hunc finem ut dominum Deum suum laudet et revereatur, eique serviens, salvus fiat ig.
O homem foi criado para esse fim, isto é, para conhecer, amar, louvar e servir a Deus para merecer com isso a eternidade feliz.

Ao ver a conduta da maioria dos homens, dir-se-ia que o homem apenas está no mundo para ser rico, honrado, em uma palavra, para gozar das satisfações, comodidades e todos os prazeres dos sentidos. Para retê-los, caros irmãos, desse desvio fatal que, infelizmente, povoa o inferno, vou conduzi-los a uma das primeiras perguntas do catecismo a fim de lembrar-lhes o que muitas vezes esquecem, isto é, que apenas estão neste mundo para servir a Deus.

Quando ainda pequenos, se lhes perguntava por que Deus nos criou. Não estando ainda cegados pelos preconceitos e pelas paixões, respondiam sem hesitar que era para conhecer, amar e servir a Deus e merecer com isso a vida bem-aventurada. Foi isso, caros irmãos, que Deus se propos ao criá-los. Numa palavra, esse grande Deus criou tudo o que existe: – *dixit et facta sunt* – criou a terra, a água, o ar, o fogo, a madeira, os metais, os animais, enfim tudo o que os vastos céus contêm para o serviço e utilidade do homem. Concordam comigo, penso. Mas vocês, caros irmãos, por que é que os criou, obra-prima de Deus Todo-Poderoso, dotados de razão, será para gozar das coisas daqui de baixo? Certamente não, sem dúvida, porque se as coisas fossem assim, Deus teria falhado o objetivo por que os criou, porque vão concordar comigo que ainda não puderam gozar de nenhuma felicidade. Digo mais, seis mil anos de busca ainda não bastaram para achar essa felicidade. O que é ainda mais deplorável que seis mil anos não foram ainda suficientes para desenganar o homem neste ponto, visto que, caros irmãos, concordam que não se pode achar a felicidade aqui em baixo e também concordam que não estão na terra para isso, será então que vocês existem para o gozo dos sentidos? Se o homem consistisse nisso, não estaria acima dos animais privados de razão. De resto, se o homem fosse criado para gozar dos

sales et infames plaisirs, ces infames plaisirs des sens détruiroit ils sa santé. L'homme éprouverait-il ce qu'il éprouve après avoir assouvi sa passion. Eprouverait-il cet ennui, ce mécontentement, cest espèce de désespoir.

Concluons donc mes f. que nous sommes destiné à quelque chose de plus relevé, car un(e) sagesse aussi grande ce celle qui paroit dans ma création ne peut agir à l'avanture. Quel but s'est donc proposé le Tout Puissant en créant. Il pouvait se passer de moi, je le sais puisqu'il s'en étoit passé jusques à présent. S'il y avoit un être plus parfait que lui il auroit pu travaillller pour lui, mais non, étant seul et méritant il est impossible qu'il se soit proposé d'autre fin que lui-même. Dieu m'a donc fait pour lui et il n'a pu me faire que pour lui. Son droit sur moi comme sur tout ce qui existe inaliénable. Qu'il cesse d'être Dieu et je pourrai appartenir à quelqu'autre. Tout Dieu qu'il est, il ne peut pas me dispenser d'être pour lui. Il n'étois pas nécessaire que je fusse, mais posé que je sois, il est nécessaire que je sois pour lui.

Si Dieu m'a donné un esprit capable d'intéligence ce n'a pu être qu'afin que je le connusse ; s'il m'a donné un coeur libre, ce ne peut être qu'afin que je l'aimasse et que je m'attachasse à lui. S'il m'a donné un corps, de la santé, des forces, ce n'a pu être qu'afin que je les employasse à son service ; si je suis enfin tout ce que je suis, ce n'a pu être que pour que je sois tout pour lui.

O mon Dieu, seul créateur, seul conservateur de mon être, quelle triste et affligeante image se présente à mes yeux, car enfin toute ma conduite jusqu'ici qu'a ce été qu'un désordre(1), un reversement, une injustice étrange et continuelle. J'ai vécu, à peu près, comme si je m'étoit fait moi-même. A quoi ai-je pensé, qu'a moi-même ; qu'ai-je aimé, que moi-même ; pour qui ai-je travaillé, que pour moi-même. Sur quoi me suis-je rassuré, sur ce que la plus part des autres ne vivoient pas mieux que moi, c'est tout ce que je puis en dire ; mais leur égarement ne peut justifier le mien. Quelle obligation vous ai-je, mon Dieu, pour que vous veuillez bien aujourd'hui m'ouvrir les yeux (?) – *Notum fac Domine viam meam.*

prazeres torpes e grosseiros, esses mesmos prazeres dos sentidos lhe destruiriam a saúde. O homem provaria o que experimenta depois de ter saciado sua paixão. Provaria esse aborrecimento, esse descontentamento, essa espécie de desespero.

Concluamos, pois, caros irmãos, que somos destinados para alguma coisa de mais elevado, porque uma sabedoria tão grande como transparece na criação não pode agir sem objetivos claros. Que fim teve em vista o Todo-Poderoso com a criação. Podia muito bem passar sem mim, sei disso porque não precisou de mim até agora. Se houvesse um ser mais perfeito que ele, poderia ter agido em benefício dele, mas não, estando só e perfeito é impossível que se tenha proposto outro fim senão ele próprio. Portanto, Deus me criou para si e não pôde me criar senão para ele. Seu direito sobre mim, como sobre tudo o que existe, é inalienável. Se ele cessar de ser Deus, então poderia pertencer a alguém outro. Embora sendo Deus, não pode me dispensar de ser para ele. Não era necessário que eu existisse, mas como fui criado, é imprescindível que eu seja feito para ele.

Se Deus me deu um espírito capaz de inteligência, apenas foi para que o conhecesse; se me deu um coração livre, foi para que o amasse me apegasse a ele. Se me deu um corpo, saúde, forças, não foi senão para que os empregasse a seu serviço; se enfim sou o que sou, não é senão para que lhe pertença integralmente.

Ó meu Deus, único criador, único conservador de meu ser, que imagem triste e desalentadora se apresenta aos olhos, porque até aqui minha conduta apenas foi uma série de desordens, de revoltas, de injustiças contínuas. Vivi um pouco como se não tivesse sido criado. Apenas pensei em mim próprio; apenas amei a mim mesmo, trabalhei só para mim. Em que é que achei garantia, apenas em pensar que os outros não viviam melhor do que eu; é tudo o que posso dizer; mas seus desvios não podem justificar os meus. Quanta gratidão vos devo, meu Deus, porque estais me abrindo os olhos hoje – *notum fac Domine viam meam.*

Finito di stampare nel mese
di aprile 1992
dalla tipografia Città Nuova della P.A.M.O.M.
Largo Cristina di Svezia, 17
00165 Roma tel. 5813475/82